

EDIÇÃO ESPECIAL TODAS AS PARTICIPAÇÕES DO CLUBE NA LIBERTADORES



www.saopaulofc.net

são paulo



**ONTEM
E HOJE**

Como a principal
competição continental
nasceu e se tornou
tão desejada por
todos os times
da América

POR ONDE ANDA

Ronaldão,
zagueiro
de muitos
títulos



TUDO SOBRE A FANTÁSTICA CONQUISTA DO **TRICAMPEONATO** DA **LIBERTADORES**

**ENTREVISTAS
HISTÓRICAS**

Telê Santana,
Müller, Raí,
Waldir Peres,
Amoroso
e Lugano



Nº 128 - R\$5,90



00128
9 771413 469100

Perfil estratégico de um campeão e **preparação física**

REVISTA OFICIAL DO SÃO PAULO

Presidente do Conselho Deliberativo

Affonso Renato Meira

Vice-Presidente do Conselho Deliberativo

Ataide Gil Guerreiro

Presidente do Conselho Consultivo

José Augusto Bastos Neto

Presidente do Conselho Fiscal

Edison Richelmo Zago

Presidente da Diretoria Executiva

Marcelo Figueiredo Portugal Gouvêa

EXPEDIENTE

Revista Oficial do São Paulo Diretoria de Comunicações

Diretor Responsável

Guilherme Sanchez Ferreira

Jornalista Responsável

Cinthia S. Gagliardi Mtb 29875

Editor

Carlos Mesquita

Secretária de redação

Fernanda Lupo (produção)

Reportagem

Fernando Savaglia e Ana Paula Andrade

Colunistas

Affonso Renato Meira, Guaracy Souza
Sampaio e Paulo Planet Buarque

Colaboração

Adriana Natali, Alessandro Gonçalves,
Alzenir Carrasco, Felipe Espíndola, Juca
Pacheco, Guilherme Almeida, Rafael
Furugen e Raul Snell Jr.

Fotógrafo

Rubens Chiri/Perspectiva

Imagem de capa

Rubens Chiri

Arte

André Cavallini, Celso Andrade, Daniela
Salvador, Diego Marcato, Marcelo Campos
e Rogério C. Macadura

Ouvidor

José Alfredo Madeira Simões
ouvidor@saopaulofc.net

São Paulo Futebol Clube

Estádio Cícero Pompeu de Toledo

Pça. Roberto Gomes Pedrosa, 01

Cep 05653 - 070

Telefone 0xx11 3749-8000

(Publicação Bimestral)

Edição

HMP Marketing Editorial Ltda

Fone: (0xx11) 3839-2770

Impresso pelo processo
direct-to-plate por Prol Indústria
Gráfica Ltda



Índice

04 Índice

06 Imagem

A alegria da comemoração

08 Páginas Amarelas

Müller solta o verbo

12 Telão

As frases que marcaram esta edição

14 História

Como nasceu e se desenvolveu
a Libertadores da América

19/37/50 Crônicas

O título sob a visão de Affonso Renato
Meira, Paulo Planet e Guaracy Sampaio

20 1º Tempo Bate-bola

Telê Santana faz um balanço da conquista

22 Capa

Tudo que você quer
saber sobre a conquista do Tri

32 2º Tempo Bate-bola

Raí analisa a campanha
são-paulina no torneio

34 Preparação Física

Um dos segredos do sucesso

38 Perfil Estratégico

Vantagens e desvantagens do 3-5-2,
esquema que consagrou o São Paulo
na competição continental

41 Sócio-torcedor

Rock Vianna veio dos EUA especialmente
para acompanhar a grande decisão

42 Por Onde Anda

Ronaldão, um zagueiro de categoria

44 Jogo Rápido I

O amor à camisa de Lugano

46 Jogo Rápido II

Amoroso, o cara que
chegou para resolver

48 Jogo a jogo

Tabelas de toda as partidas

Editorial

MOTIVOS PARA COMEMORAR

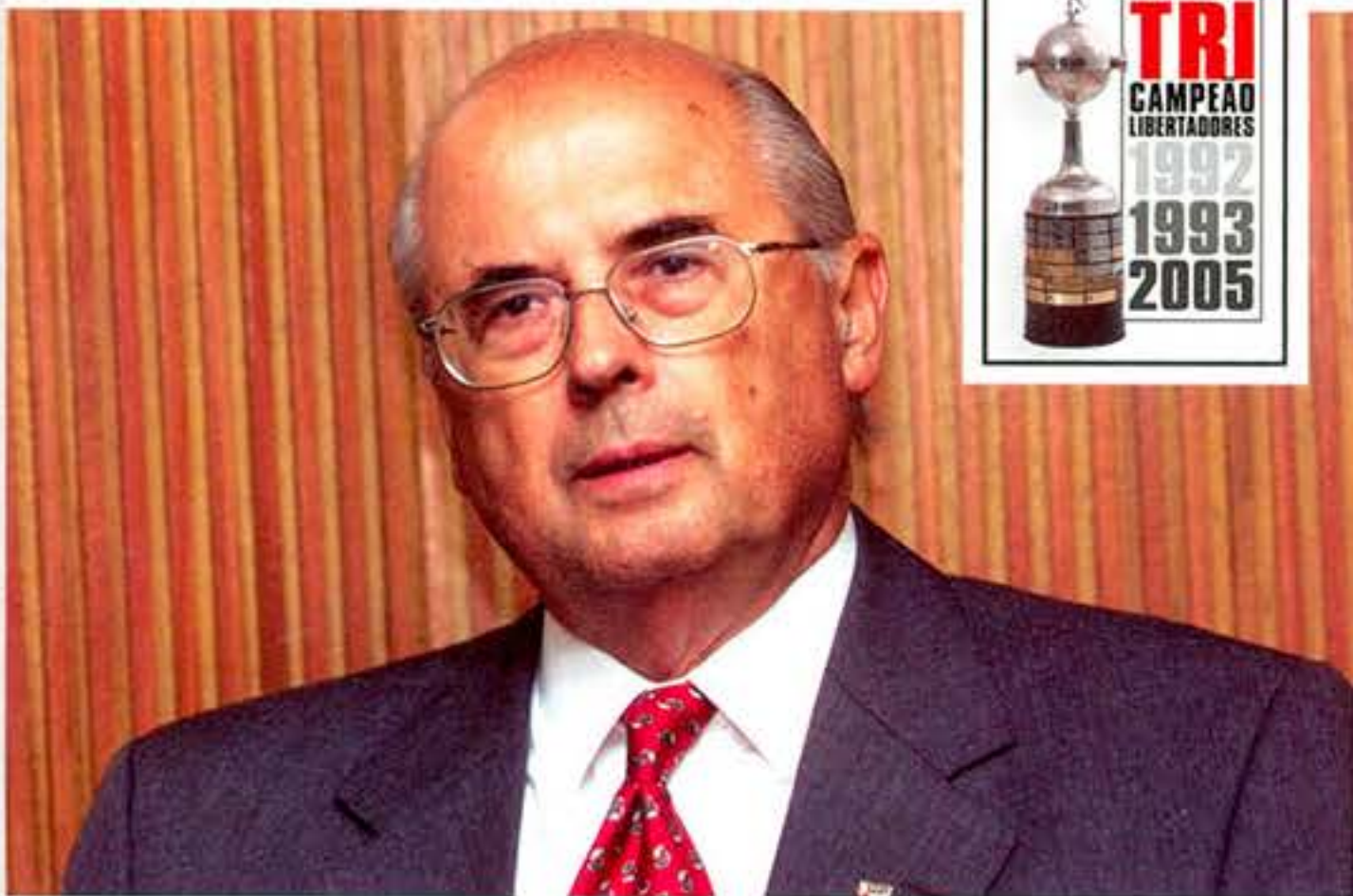
O São Paulo Futebol Clube está em festa até agora com o tricampeonato da Libertadores. Mais uma vez, o Tricolor mostra sua grandeza ao chegar primeiro, no Brasil, a esse cobiçado lugar. Durante toda a competição, a equipe exibiu um belíssimo futebol, digno dos campeões mais nobres da história desse esporte que tanto fascina os brasileiros, e foi coroado com justiça por seus méritos. Méritos, aliás, que teve tanto dentro quanto fora de campo. Na organização, no planejamento, no esforço de cada funcionário. Foi um somatório de forças que vieram de todos os setores do clube e se canalizaram numa simbiose perfeita. Porque o objetivo que foi alcançado era nossa meta desde o começo.

Nossos atletas lutaram como guerreiros para manter a honrosa tradição de nossas cores. Mesmo profissionais que chegaram no meio do certame, como Paulo Autuori e Amoroso, contribuíram de maneira decisiva nessa caminhada. Estão todos de parabéns. De ruim, apenas a contusão de Grafite, que, se Deus quiser, volta em dezembro, quando atravessaremos o mundo em busca de outro tricampeonato: o do Mundial Interclubes, disputado no Japão. Até lá, seguimos brigando no Brasileiro e na Sul-Americana. A propósito, muita gente tem comentado sobre nossa posição na tabela do campeonato nacional. Mas tenho a plena convicção de que vamos caminhar para a ponta de cima. É questão de tempo.

Outro fato muito festejado por todos os são-paulinos foi a inauguração do Centro de Formação de Atletas Presidente Laudo Natel, totalmente destinado às categorias de base do clube. É um espaço com impressionante infra-estrutura que renderá frutos ao Tricolor. Sem dúvida, é uma das maiores conquistas do São Paulo nos últimos tempos. Não nos faltam motivos para comemorações.

Já fomos campeões do Paulista e da Libertadores e, até o final do ano, podemos ganhar mais títulos. Saudações tricolores, caros são-paulinos tricampeões da América.

Marcelo Figueiredo Portugal Gouvêa
Presidente



Salve o TRicolor paulista!

Esta não é uma edição normal. Pois adiante existe uma alegria contagiante. Embora o tempo tenha se passado, a nação tricolor ainda não se cansou de comemorar o histórico 14 julho, dia em que a cidade literalmente parou para assistir a mais uma façanha do São Paulo Futebol Clube.

Numa decisão atípica de Libertadores – afinal, duas agremiações de um mesmo país jamais haviam se enfrentado –, o Tricolor venceu com méritos totais o Atlético-PR. Apesar da ótima pegada do Furacão, uma mistura da raça argentina com o vigor alemão e o perigoso gingado brasileiro, os paulistas jogaram como nunca, ganhando como sempre fizeram nos momentos mais gloriosos de sua existência.

O mundo do futebol está repleto de exemplos em que finais tornaram-se jogos feios e chatos. Sem chances reais de gol. Sem emoção. Sem ousadia. Partidas em que craques se transformaram em meros atletas. Tudo isso porque as equipes talvez tenham exagerado na cautela. E, quando descobriram o caminho do sucesso, o cronômetro já havia passado dos 45 da etapa complementar.

O São Paulo, porém, fez o oposto. Foi consciente em cada segundo. Como prêmio pelo futebol de alto nível, um, dois, três, quatro gols – convenhamos, resultado pouco comum em decisões. E, o que foi melhor, uma taça.

Para brindar o momento, que ainda é desfrutado, este número da **Revista Oficial do São Paulo Futebol Clube** é comemorativo. Craques dos velhos tempos se misturam às personalidades do tricampeonato numa espécie de seleção da casa. Tem Raí, Müller, Waldir Peres, Ronaldão, Amoroso, Lugano, Chicão e, como não podia faltar, o mestre Telê Santana.

É, meu caro, em breve pode haver mais, já que o clube tem pela frente três competições: Brasileiro, Sul-Americana e Mundial Interclubes, torneio em que, cá entre nós, o São Paulo é especialista. Esperamos que você curta cada parágrafo do tema em questão. Salve o glorioso TRicolor paulista!

Imagens



SEGURE FIRME, RAPAZIADA!

A tão cobiçada taça da Libertadores da América, enfim, voltou para as mãos certas. Depois de ficar afastado do torneio por algum tempo, o São Paulo Futebol Clube retornou em 2004 à competição continental. Apesar de não ter faturado o caneco, a equipe fez boa campanha. O melhor, porém, estava reservado para este ano. Com a conquista do tricampeonato, o clube passou a desfrutar a condição de única agremiação brasileira a ter chegado ao topo da América três vezes. As risadas de Rogério Ceni, Danilo, Alex e Lugano eram apenas o princípio da festa.



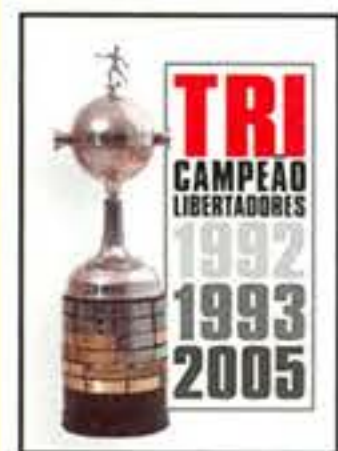
ENTRE OS DEZ MAIORES DO MUNDO

A conquista da Libertadores já surtiu efeito. Isso porque a International Federation of Football History & Statistics (IFFHS), entidade futebolística que tem sede em Bonn, na Alemanha, divulgou seu mais recente ranking com os melhores clubes do planeta. Na atual classificação, o São Paulo aparece muito bem. O Tricolor está na nona colocação, ficando atrás apenas de grandes equipes europeias. Desde 1991, a IFFHS contabiliza todas as estatísticas referentes ao futebol mundial.

CLASSIFICAÇÃO MUNDIAL DA IFFHS

Equipe	País	Pontos	
1. Inter de Milão	Itália	294,0	
2. Milan AC	Itália	270,0	
3. Liverpool FC	Inglaterra	264,0	
4. Manchester United	Inglaterra	259,0	
5. FC Bayern München	Alemanha	255,0	
6. CSKA Moscow	Rússia	255,0	
7. Newcastle United FC	Inglaterra	251,0	
8. PSV Eindhoven	Holanda	251,0	
9. SÃO PAULO FC	Brasil	246,0	
10. Arsenal FC London	Inglaterra	240,0	

(1º de Agosto 2004 - 29 de Julho 2005)



Devocção à bola

Jogador com mais títulos na história do São Paulo Futebol Clube, MÜLLER analisa o tricampeonato da Libertadores, relembra momentos de sua trajetória, fala de sua vocação religiosa e revela que, muito em breve, deve retornar ao mundo do futebol

Por Carlos Mesquita

Luís Antonio Corrêa da Costa, o Müller, teve uma passagem brilhante pelo futebol. Durante 20 anos de carreira, vestiu a camisa de todos os times grandes de São Paulo, de equipes do exterior e da seleção brasileira. Ganhou títulos que qualquer profissional da bola deseja, como o tetracampeonato mundial, conquistado na Copa de 94.

Foi no São Paulo, porém, que sua estrela brilhou mais intensamente. Revelado pelo técnico Cilinho, na década de 80, teve três momentos distintos no clube. Quando subiu ao profissional, ficou de 85 a 88, período em que foi coroado campeão paulista e brasileiro. Negociado com o Torino, da Itália, permaneceu na Europa, apesar de

enfrentar adversidades, por três anos. Em 91, retornou ao Morumbi para participar da melhor fase da história do Tricolor, equipe pela qual, até 1994, faturou os troféus do Campeonato Paulista (dois), Brasileiro (um), da Libertadores (dois) e do Mundial Interclubes (dois), entre muitos outros. Um ano mais tarde, desembarcou no Japão, onde defendeu o Kashiwa ao lado de um velho conhecido: Careca, reeditando a dupla que tantas alegrias deu à nação são-paulina na década de 80.

Em 96, Müller estava de volta à cidade. Mas ao arqui-rival Palmeiras. Na equipe comandada por Vanderlei Luxemburgo, jogou muita bola. Depois de ajudar a agremiação do Parque Antártica, retornou ao clube que o revelou. Seria o fim de seu ciclo no São Paulo.

Dirigido por Carlos Alberto Parreira, o time não deslanchou no Campeonato Brasileiro e nem na Supercopa da Libertadores. Müller terminou sendo liberado para o Perugia, da Itália, no final da temporada. No Brasil algum tempo depois, peregrinou por Santos, Cruzeiro, Corinthians, São Caetano, Tupi (MG), Portuguesa e Ipatinga (MG).

Mesmo tendo no currículo essa quantidade de agremiações, o que poderia descaracterizar a identificação com o São Paulo, sua imagem tem forte ligação com o clube, pois nele alcançou os maiores feitos de sua carreira em quase dez anos de casa. "A história que tenho no São Paulo ninguém jamais vai apagar", afirma.

Além de ter sido um jogador que reunia habilidade e velocidade, ainda tinha muita sorte. A final do Mundial Interclubes contra o Milan, na qual fez de costas o gol que rendeu a taça ao São Paulo, é um exemplo disso. Apenas por esse curioso evento, Müller já poderia ser chamado de predestinado.

Após pendurar as chuteiras, começou a dedicar-se com intensidade à religião, apesar de vir desde 99 exercendo o dom de ser pastor de igreja. O afastamento temporário do futebol – pois revela que quer tornar-se técnico ou comentarista – também lhe permitiu fazer algo que antes não podia realizar com tanto afinho: ser marido de sua esposa e pai de seus filhos. No bate-papo a seguir, Müller analisa a conquista da Libertadores de 2005, fala de suas passagens por outras agremiações e agradece ao São Paulo Futebol Clube a oportunidade que lhe foi dada.

Você acompanhou o tricampeonato do São Paulo?

Não acompanhei todos os jogos. Vi alguns que o São Paulo venceu. Foi uma caminhada difícil. Mas muito bonita, gloriosa e competente. Foi feita por um time que tinha uma meta a ser alcançada.

Em algum momento, pintou aquela vontade de estar dentro de campo?

Não cheguei a isso. Como comecei no São Paulo, é o time do coração. Tenho uma simpatia e um carinho enormes pelo clube. Ele me revelou para o Brasil e o mundo. Hoje, torço muito. Mas

não chego ao ponto de querer entrar. Os jogadores fizeram bem a parte deles.

Mas não ficou com saudade?

Sim. Deu saudade do tempo em que eu atuava com grandes jogadores. Mas hoje o futebol é apenas objeto de admiração.

O que foi destaque nessa campanha?

Todo time precisa ter identidade, uma base montada. E isso o São Paulo tem. Ela começa no Rogério Ceni. Em termos táticos, o problema dos times brasileiros não é a venda de jogadores. Mas, sim, a reposição. Suprir uma posição de atacante, meia-esquerda ou direita é mais difícil que repor a defesa. Atrás, preenche-se o espaço. E, até certo ponto, vai-se quebrando um galho. Do meio-de-campo para frente, porém, substituir com uma peça à altura é mais complicado. Lá, está o jogador que vai decidir, usar sua categoria. O São Paulo agiu rápido nesse ponto. Com a contusão do Grafite, trouxe o Amoroso, que se encaixou perfeitamente. É claro que se trata de um grande atleta com personalidade já revelada. Foi mais fácil porque sua adaptação ocorreu de maneira rápida no esquema do técnico.

Você identificou nesse São Paulo tricampeão semelhanças com o time da sua época?

A única semelhança que vi foi o desejo de vencer as partidas. Mas, em termos táticos e peças individuais, são dois momentos distintos.

Quem foi a personalidade dessa conquista?

O futebol é um esporte coletivo. Mas, no caso dessa equipe, é claro que sempre temos de ressaltar o Rogério Ceni, que teve papel importante não só sob as traves como fora delas. Ele e o Grafite foram as duas peças fundamentais. Ao longo da Libertadores, o Grafite jogou bem. E não foi apenas pela raça, pois todo time tem jogador assim. Mas, na reta final, a técnica termina prevalecendo. E, mesmo o Grafite não sendo um atleta muito técnico, fez a diferença.

“Com a extinção do passe, todo garoto que começa e se torna um Robinho ou um Kaká tem um empresário influenciando para que vá jogar no exterior”

A ausência dele foi sentida nas finais?

É aí que se observa a grandeza do clube, que, até certo ponto, não sente diferença por causa da boa reposição. O Grafite era um jogador muito importante para o time. Estava jogando bem havia muito tempo e estava entrosado. Mas, mesmo na sua ausência, o São Paulo não se abalou porque trouxe o Amoroso.

Você chegou a jogar com Rogério Ceni?

Não. Éramos companheiros. Eu, porém, não tinha afinidade com ele. Não jogamos juntos porque ele era reserva do Zetti.

Para que sentido o futebol caminhou e, hoje, para que lado evolui?

Mudou muito. Mas não porque tenha evoluído. O futebol se transformou pela carência dos jogadores técnicos. A preparação física, sim, evoluiu muito. Esse, porém, não foi o problema. A questão foi a diminuição de atletas fora de série. Hoje, dá-se muita ênfase à correria, fator que ganhou destaque nas equipes e nos campeonatos justamente pela falta de grandes atletas. Se eu perguntar quantos craques, não estou falando de Maradona ou Pelé, o futebol brasileiro tem, não vai caber nos dedos da minha mão. Quinze anos atrás, em cada equipe havia pelo menos um nome que fazia a diferença por conta da técnica que possuía. Hoje, dificilmente vê-se alguém com essa característica. O futebol jogado no País é, tecnicamente, fraco. As equipes estão niveladas. Até porque não se pode competir com os times de fora. No Brasil, os presidentes são administradores de clubes. Na Itália e na Inglaterra, os presidentes são os donos. E, quando se tem um negócio, deseja-se o melhor para

ele. Os dirigentes do exterior têm capacidade, força e capital para investir. Não é apenas organização. Pois, quando há dinheiro, a organização se torna secundária. Por esses motivos, é mais fácil montar equipes competitivas lá.

Qual é a fórmula, se é que ela existe sem que haja dinheiro, para contornar esse problema?

É difícil competir. O euro e o dólar estão muito valorizados em relação ao real. Com a extinção do passe, todo garoto que começa e se torna um Robinho ou um Kaká tem um empresário influenciando para que vá jogar no exterior. O Brasil é campeão em exportar atleta e a Europa, em revelar para o cenário mundial.

Como gosta de dizer Leão, somos uma ponta de estoque?

Perfeito. O melhor futebol é o brasileiro. Observe a quantidade de jogadores de diversos níveis que vão para o exterior. Nosso futebol mudou por causa disso.

Você acumulou experiência jogando fora. O que lhe rendeu profissional e pessoalmente?

Um somatório de coisas positivas que, ao longo da minha carreira, pude absorver com naturalidade e positividade. Fui jovem para a Itália. Eu tinha 19 ou 20 anos. A primeira impressão foi uma exaltação negativa. Sempre morei em São Paulo que, para mim, é uma das melhores cidades do mundo para viver, independentemente da violência e tudo mais. Sentia muita falta daqui, do calor brasileiro. Isso me prejudicou. Depois, aos poucos, fui me adaptando, me acostumando, entrando, conhecendo a cultura italiana. Comecei a assimilar aquilo que o futebol

européu tinha para me oferecer e ensinar. Lá, cresci muito pessoalmente e profissionalmente. Aprendi coisas que não sabia no Brasil. Às vezes, temos potencial, mas não descobrimos dentro de casa. Precisamos sair.

Teve algum tipo de negócio na Itália?

Não, absolutamente. Nesse ponto, sou patriota. Jamais tive a intenção de ter um apartamento ou um restaurante, como vários jogadores brasileiros fazem.

Como você lidou com a aposentadoria?

O jogador de futebol deve ter desconforto. Precisa saber a hora de parar. Graças a Deus, sempre tive essa sensibilidade. Joguei até os 39 anos. Mas, quando completei 30, comecei a me preparar para parar. Foi algo que aconteceu naturalmente. Uma coisa bem pensada, planejada. Em nove anos, assimilei aquilo que queria. Não foi difícil. Existem jogadores, porém, que param e se frustram. Não é o meu caso. Jamais terei esse sentimento. Até porque, nos meus 20 anos de carreira, tive mais coisas boas do que ruins. E as boas se sobressaíram.

Pode pintar um Müller técnico de futebol ou comentarista esportivo em breve?

No programa da Luciana Gimenez de que participei recentemente, respondi a essa pergunta. Por 20 anos, joguei futebol. É uma coisa que sei e da qual entendo. A partir deste ano, meu objetivo profissional é me tornar, sim, treinador ou comentarista. É a minha área. Essas são minhas duas pretensões profissionais.

Tem acompanhado a empreitada profissional de ex-colegas, como Zetti, hoje técnico; e Raí, comentarista esportivo?

Tenho acompanhado, sim. Não muito a do Raí. Mais a do Zetti, que é treinador e teve um sucesso muito grande no Paulista. Ouvi poucas vezes o Raí. Mas fico muito feliz. Sempre digo, no caso dos comentaristas, que existem alguns que não gostam de futebol. Então, quando vejo ex-jogadores se tornando comentaristas ou mesmo treinadores, fico muito feliz porque sei que ali há pes-

soas que vivenciaram aquela situação, entendem de futebol e sabem muito bem colocar as coisas. Mas é claro que toda regra tem sua exceção.

A imprensa esportiva mudou ou continua sendo aquela da sua época?

Não mudou muito, não. Aumentaram os programas esportivos. Isso é muito bom, pois traz mais concorrência. Mas os comentaristas se estagnaram em uma periferia. Há poucos bons. Gosto muito do Vanderlei Nogueira (*rádio Jovem Pan e TV Gazeta*), do Milton Neves (*rádio Bandeirantes e TV Record*), do Juca Kfoury (*rádio CBN, jornal Lance! e TV Cultura*) e do (José) Trajano (*ESPN Brasil e Lance!*). Esses quatro são objeto de minha admiração.

Hoje, qual é a sua atividade principal?

Tenho a vocação de pastor em

na essência, porém, foi do ano de 94 para cá. Graças a Deus, atualmente tenho um prazer, uma alegria muito grande de fazer aquilo de que gosto, que Deus me chamou para fazer.

Em São Paulo, você defendeu seis clubes. Como foram essas experiências?

Muito boas. A vida de um profissional, às vezes, não é marcada pelos grandes momentos, mas, sim, pelos difíceis. Joguei no Santos de 97 até o final do primeiro semestre de 98. Durante esse tempo, não ganhei nenhum título. Mas, para mim, foi uma das melhores fases da minha carreira, gratificante. Trabalhei com o Vanderlei (*Luxemburgo*) no Palmeiras, em 96. Era um time sensacional. No entanto, minha satisfação mais plena com ele foi no Santos. Curiosamente, não ganhamos nada.

“A vida de um profissional, às vezes, não é marcada pelos grandes momentos, mas, sim, pelos difíceis”

Belo Horizonte, Minas Gerais, e devo futuramente abrir uma igreja em São Paulo. Meus objetivos profissionais são aqueles de que falei. Mas, além disso, dou uma palestra para empresários, em Alphaville (*no prédio em que foi realizada a entrevista*), todas as quintas-feiras. Minha rotina é essa. Como estou temporariamente afastado do futebol, sou mais pai dos meus filhos e marido da minha esposa, o que, por 20 anos, não deu para fazer em tempo intensivo. Viajo muito por todo o Brasil para fazer palestras em empresas e igrejas. Agora, estou estudando com carinho uma proposta que recebi para ser comentarista esportivo. Se eu a aceitar ou no futuro me tornar treinador, devo voltar à rotina do futebol, profissão intensa.

Quando descobriu a vocação religiosa?

Desde meus dez anos de idade, conheço o evangelho, a palavra de Deus. Vivê-la intensamente

O relacionamento entre todos aqueles craques no Palmeiras era tranquilo?

Fora dos gramados, nos entendíamos muito bem. Tínhamos um treinador capacitado. Ele sabia como dirigir o plantel. Isso facilitou o sucesso do time. Sempre tive o privilégio de jogar com craques. Eu me aproveitava disso da melhor maneira possível, absorvendo as coisas boas que tinham para me ensinar. E eu as colocava em prática. Assimilava. Vivia aquilo.

Voltando à década de 80, Careca e Müller marcaram o São Paulo?

Formamos uma dupla muito boa, sintonizada. Começamos juntos em 85, quando o Cilinho chegou ao São Paulo. Ele revolucionou tudo. O clube ainda não tinha muito forte o hábito de revelar atletas das categorias de base. Quem possuía essa característica intensa era o Flamengo. O Cilinho me promoveu para o profissional. Eu era o quarto reserva da equipe de cima. Aquilo

foi uma revolução no futebol amador. Como um treinador pode promover o quarto reserva do amador sendo que tem três na frente dele?

Isso o assustou?

Não. De forma alguma. Fiquei satisfeito. Estava realizando o sonho de todo jogador. Saí das categorias de base para o time principal do clube. Quando subi, no final de 84, tive a oportunidade de jogar com os grandes nomes que o time tinha e cedia à seleção. Quando o Careca e eu começamos a formar aquela dupla em 85, ele gostava de jogar comigo porque nos entendíamos muito bem. Eu estava ao lado de um craque. E ele sabia que eu nunca teria a ambição de ser o artilheiro do time. Eu tinha sempre a satisfação de servir a ele. O Careca tornou-se o artilheiro daquele Paulista.

Vocês formaram uma das melhores duplas do futebol brasileiro de todos os tempos?

Está entre as melhores. Sem dúvida nenhuma.

Encarar o São Paulo, estando nos principais rivais, era complicado por tudo que você viveu no Tricolor?

Nesse aspecto, entra o lado profissional. Isso significa separar a paixão da razão. Sempre dividi essas duas coisas para poder seguir em frente na minha carreira.

Mas sua melhor fase no futebol foi no São Paulo.

É a mais plena porque uniu a capacidade de ter a fase boa com a prosperidade dos títulos. A do Palmeiras foi excelente. E a do Santos, melhor ainda. No Cruzeiro, durante um ano e meio, também estive bem.

Quais eram as diferenças entre Cilinho e Telê Santana?

Ambos são conservadores. Têm opinião e métodos próprios de trabalho. Com o Cilinho, foi uma alegria muito grande. Sou grato a ele por ter me revelado para o São Paulo e o futebol brasileiro. Ele gostava de mim e me passava muitas táticas. Na época, era extremamente capacitado. Tinha uma sensibilidade aguçada para enxergar

as coisas. Isso me fez assimilar o que ele queria.

Apesar de também ser conservador, o Telê tinha outro estilo.

Era temperamental. O torcedor são-paulino tem um voto de gratidão para com o Telê. Naquele time supercampeão, o Moraci Santana era um mentor de grande relevância. Era um mediador excepcional. A figura dele era tudo de que precisávamos. Ele fazia uma intervenção muito importante entre o Telê e nós, jogadores. Assimilávamos o que o Moraci passava. O São Paulo deve ao Telê? É claro que deve. Deve àquele time? Também. Mas deve muito ao Moraci Santana, grande preparador físico, pessoa legal, carismática e simpática que fez um ótimo trabalho quando esteve à frente do São Paulo.

Naquela final contra o Milan, você fez um gol de pura sorte numa disputa acalorada com Costacurta. Aconteceu alguma coisa ali que, ainda hoje, ninguém imagina que tenha ocorrido?

Naquela oportunidade, mais ou menos cinco minutos antes de acontecer o gol do título, disputei uma bola de cabeça com o Costacurta. Meu cotovelo bateu no rosto dele. Todo mundo sabe que, no futebol, o contato é inevitável, principalmente na disputa com o adversário. Mas ele achou que foi por maldade. Começamos, então, a bater boca. O Baresi tentou acalmar a situação. Estávamos xingando um ao outro. Aquela coisa toda. Cinco minutos depois, teve a jogada em que o Cerezo me lançou. Um detalhe importante que o torcedor não sabe é que o gramado daquele estádio não é como o do Morumbi, no qual a bola pinga e resvala. Lá, ela bate e fica. Não pega velocidade, pois a grama segura. Eu sabia que, naquele lançamento, quando a bola caísse, não respingaria nem avançaria. Ela ficaria no lugar. Tinha certeza de que, com minha velocidade, poderia chegar a tempo. Mas não consegui porque o goleiro Rossi se adiantou. Nesse tipo de jogada, o atleta pula para não machucar o arqueiro. O erro capital do Rossi foi justamente esse: de maneira natural, o goleiro segura aquela bola; era mais dele do que minha. O Rossi, porém, rebateu de forma errada a bola. Como eu estava correndo em alta



“Como estou temporariamente afastado do futebol, sou mais pai dos meus filhos e marido da minha esposa, o que, por 20 anos, não deu para fazer em tempo intensivo”

velocidade, bateu no meu calcanhar e deu o gol do título. Naquele fogo, naquela emoção, cheguei para o Costacurta e disparei: ‘Esse foi pra você, seu italiano palhaço’. Isso foi com os nervos à flor da pele. Mas, depois, em 94, na Copa dos EUA (Müller esteve, além dessa, nas de 86, no México, e 90, na Itália), nos encontramos na final do mundial e conversamos. Passamos uma borracha naquele episódio isolado. Até hoje continuamos companheiros. Eu o conhecia do Campeonato Italiano. Existia a rivalidade dentro de campo. Coisa normal. Fora, conversá-

vamos e até jantávamos às vezes. Eu ia para Milão encontrar o Costacurta e outros jogadores do time. Havia uma certa amizade.

Esse título veio na época de ouro do Tricolor. A que se deveu essa enxurrada de conquistas?

Esse grande sucesso do São Paulo na década de 90 foi o somatório de situações e pessoas capacitadas que faziam do clube um grande vencedor. A começar pelo presidente, que era o Eduardo Mesquita Pimenta. Havia uma comissão técnica extremamente

competente. Os atletas tinham aquela liberdade de jogar sempre com alegria e carinho. Tenho uma gratidão, que é a mãe de todas as virtudes, muito grande para com o São Paulo, que está acima de todos, e, depois, para com o Pimenta e o Fernando Casal De Rey, que foram me buscar na Itália, onde ficamos 12 dias. A negociação foi complicada. Mas, graças a Deus, pude voltar. Tive a oportunidade de viver aqueles anos dourados, de grandes títulos. Não foi apenas Libertadores. Ganhamos os torneios da Espanha, Recopa, Supercopa e Mundial.

Telão



AS FRASES QUE MARCARAM ESTA EDIÇÃO*

“Depois de ter se sagrado campeão paulista, brasileiro, sul-americano e mundial, não restam ao Tricolor mais títulos a conquistar.

Restam títulos a se repetir”

LAUDO NATEL, ex-presidente do clube

“Depois de longos 11 anos, esse é um momento especial para a história do clube”

JUVENAL JUVÊNCIO, diretor de futebol



REPRODUÇÃO

“Por alguns minutos, me lembrei daquele time glorioso, com futebol técnico, de toques rápidos e solidários que fazia a festa da torcida e se embalava com ela”

TELÊ SANTANA, ex-técnico, comparando o time que dirigiu à equipe de hoje



FOTOS RUBENS CHIRI

“Hoje, a gente resgata a história do São Paulo e o recoloca no lugar merecido pela grandeza que ele representa”

ROGÉRIO CENI

“Foi muito bom. Inesquecível. Nunca mais vai ter uma decisão igual a essa”

ROCK VIANNA, sócio-torcedor, que veio dos EUA especialmente para acompanhar a final no Morumbi

“É uma sensação indescritível. Já fui bicampeão mundial como torcedor, mas hoje, como presidente, o sabor é diferente.”

MARCELO PORTUGAL GOUVÊA, presidente

“Para mim, foi meio trabalho e meio prazer (risos). Estar com o São Paulo em final ou semifinal de Libertadores é algo especial”

RAÍ, ex-jogador, sobre o fato de ter comentado os jogos do Tricolor pela rádio CBN

“Tenho meu coração aqui pelo que o São Paulo deu a mim e à minha família. Não tem título no mundo que possa retribuir isso”
DIEGO LUGANO



“A oportunidade de jogar no São Paulo caiu do céu”

AMOROSO

“Como profissional, é um privilégio poder estar num clube dessa excelência”

PAULO AUTUORI

“Entramos para a história. Somos o primeiro clube brasileiro a conquistar o tricampeonato da Libertadores”

JÚNIOR

“Ele (Rogério Ceni) e o Grafite foram as duas peças fundamentais”

MÜLLER, ex-jogador

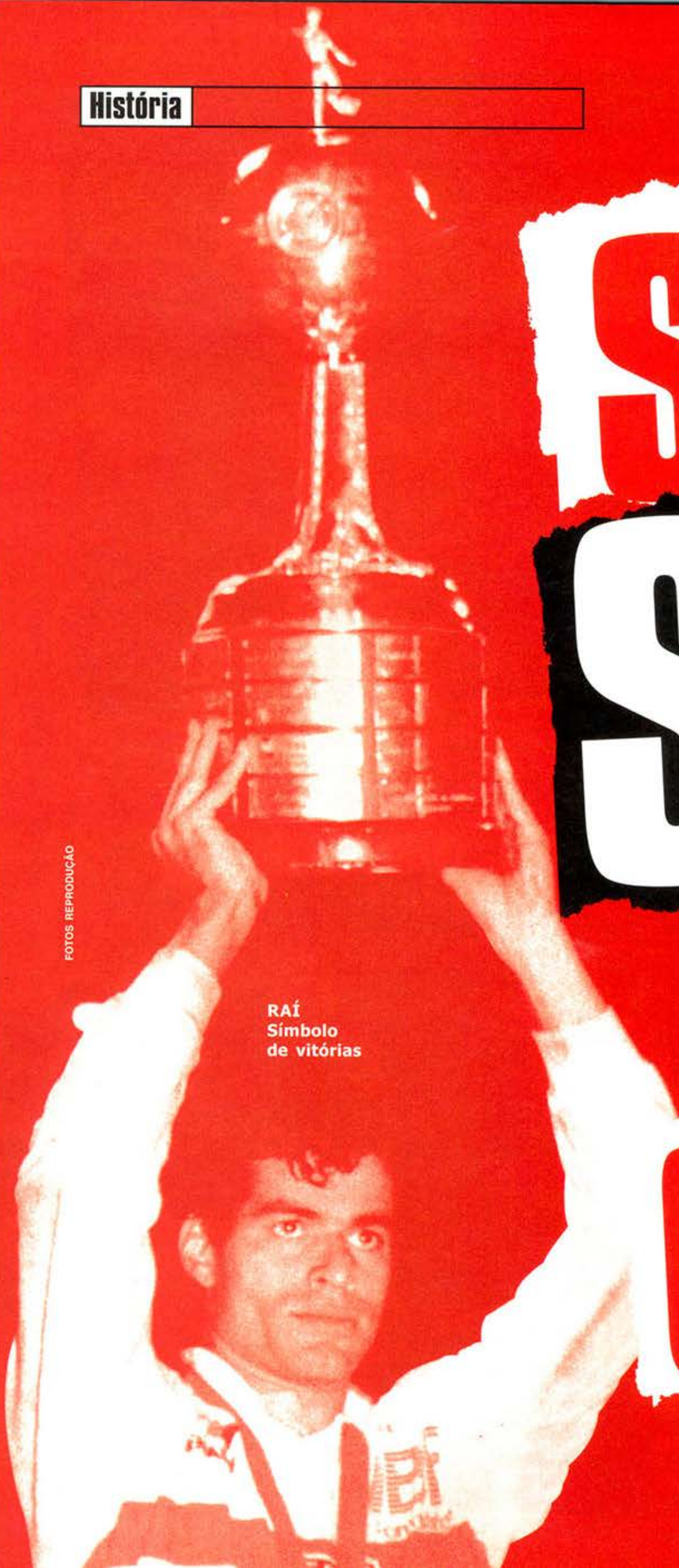


História

SANG SUO LÁGR CONQ

RAÍ
Símbolo
de vitórias

FOTOS: REPRODUÇÃO



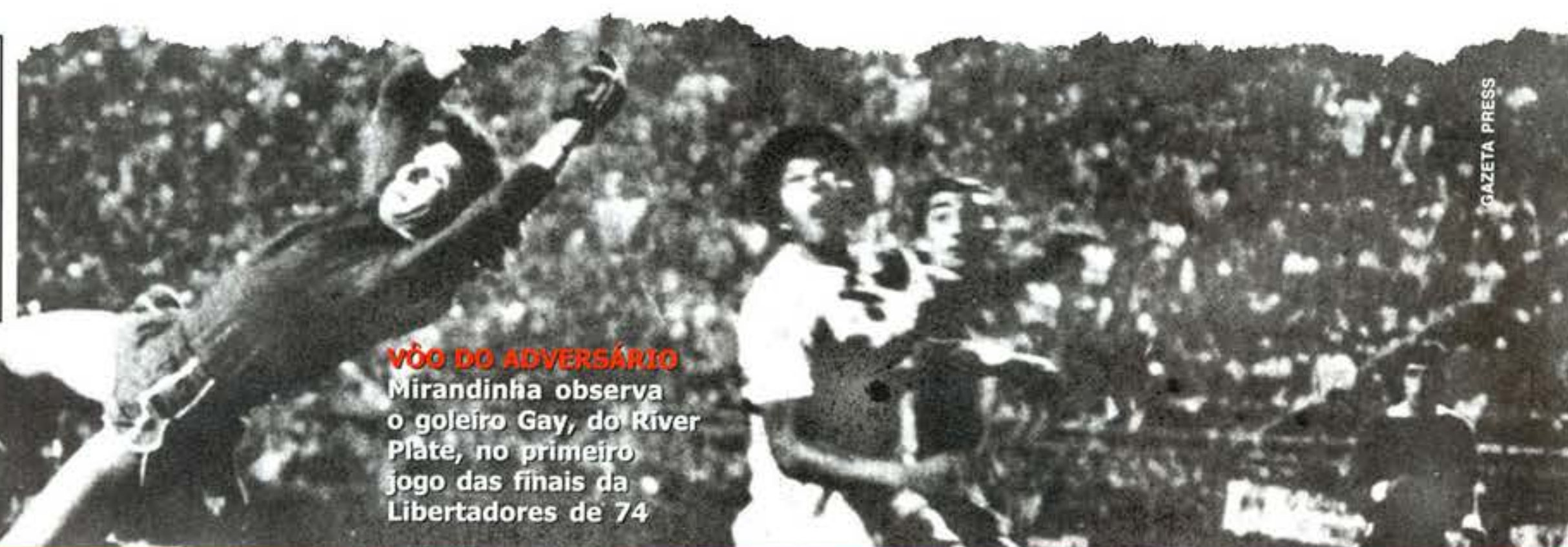
Libertadores



PEDRO ROCHA
Explosão de raça

WE, R IMAS e VISTAS

Uma das competições mais importantes do futebol mundial, a Libertadores da América tornou-se o maior objetivo dos principais times do continente desde sua existência. A seguir, conheça um pouco da história desse torneio que tanto fascina a torcida são-paulina e saiba por que seu título sempre foi tão cobiçado



VÔO DO ADVERSÁRIO
Mirandinha observa o goleiro Gay, do River Plate, no primeiro jogo das finais da Libertadores de 74

GAZETA PRESS

Por Fernando Savaglia

Afinal, qual é a melhor equipe do continente? Esta pergunta começou a ser respondida em 1960, quando foi disputada a primeira edição da Taça Libertadores da América. Dois anos antes, a Confederação Sul-Americana de Futebol, a Conmebol, oficializou a disputa que viria a ser considerada a mais importante competição interclubes das Américas. Mas desafios entre equipes do continente remontam à década de 30, período em que os campeões do Uruguai e da Argentina enfrentavam-se em uma única partida que coroava o campeão do Rio da Prata.

No ano de 48, foi realizada no Chile a Taça America del Sur, torneio que reunia agremiações que venciam os campeonatos nacionais de seus países disputando, o que se pode considerar, o embrião da Libertadores da América. Na época, a Confederação Brasileira de Desportos, a CBD, por ainda não contar com uma competição de âmbito nacional que apontasse um representante, designou o Vasco da Gama para a tarefa. Considerado ao lado do São Paulo melhor time do País naqueles tempos, a equipe carioca foi indicada por ser a que mais cedia atletas à seleção. Acabou faturando a Taça America del Sur, superando, entre outros, os tradicionais Colo Colo, do Chile; Nacional, do Uruguai; e River Plate, da Argentina.

A edição número 1 da Libertadores da América teve sua primeira partida oficial em 19 de abril de 1960. Em campo, o Peñarol, do Uruguai; e o Jorge Wilstermann, da Bolívia. Afora essas agremiações, participaram Olimpia, do Paraguai; San Lorenzo, da Argentina; Universidad de Chile, Millionários, da Colômbia; e Esporte Clube Bahia, que carimbou seu passaporte ao abocanhar a Taça Brasil de 1959. A decisão foi jogada entre Peñarol e Olimpia. E os uruguaios levaram a melhor. Em casa, bateram os paraguaios por 1 a 0 e, em Assunção, arrancaram um sofrido empate: 1 a 1.

Em 1961, o Palmeiras conseguiu algo histórico. Foi o primeiro clube brasileiro a chegar a uma final da Libertadores. Contra o mesmo Peñarol, campeão no ano anterior, o time paulista levou a pior. Os resultados de 1 a 0 no Estádio Centenário e 1 a 1 no Pacaembu decretaram o bicampeonato do adversário do Uruguai. A partir de 66, uma novidade. Os vice-campeões das competições nacionais passaram a entrar no certame.

Naquela década, entretanto, assim como na seguinte, a truculência e as pressões extracampo, tão utilizadas por argentinos e uruguaios, marcaram negativamente a história do certame continental. Como os jogos não eram televisionados diretamente, as partidas transformavam-se em verdadeiras batalhas. Os visitantes sempre viravam alvos de toda a sorte de coações. "Disputar uma Libertadores antigamente era bem diferente do que jogá-la hoje. Sempre se dava um jeito de as equipes argentinas disputarem a segunda partida em casa", opina o ex-goleiro Sérgio Wagner Valentin, titular do São Paulo na Libertadores de 1972. "Às vezes, a bola estava num determinado lugar do gramado e os caras batendo em outro sem que juiz falasse nada. Era praticamente impossível ganhar", complementa.

Mas muitas coisas se transformaram nos últimos anos. Durante a década de 90, por exemplo, várias mudanças estruturais aconteceram no torneio. Um exemplo disso foi o aumento da presença de mexicanos de uns tempos para cá. O ingresso deles foi possível porque, filiada à CONCACAF, a Federação Mexicana de Futebol, por meio de um acordo com a Conmebol, possibilitou que suas principais agremiações entrassem na Libertadores depois de disputarem uma pré-eliminatória com times da Venezuela. Como em 2003 o número de participantes chegou a 36, o "vestibular" caiu por terra. Independentemente do que tenha acontecido, a Copa Toyota Libertadores, hoje disputada por todos do continente, é, ao lado da Copa dos Campeões Europeus, o principal Campeonato Interclubes do planeta. Pelo

CAMPEÕES

Ano	Campeão	Vice
2005	SÃO PAULO (BRA)	Atlético-PR (BRA)
2004	Once Caldas (COL)	Boca Juniors (ARG)
2003	Boca Juniors (ARG)	Santos (BRA)
2002	Olimpia (PAR)	São Caetano (BRA)
2001	Boca Juniors (ARG)	Cruz Azul (MEX)
2000	Boca Juniors (ARG)	Palmeiras (BRA)
1999	Palmeiras (BRA)	Deportivo Cali (COL)
1998	Vasco da Gama (BRA)	Barcelona (EQU)
1997	Cruzeiro (BRA)	Sporting Cristal (PER)
1996	River Plate (ARG)	America (COL)
1995	Grêmio (BRA)	Nacional (COL)
1994	Vélez Sarsfield (ARG)	SÃO PAULO (BRA)
1993	SÃO PAULO (BRA)	Univ. Católica (CHI)
1992	SÃO PAULO (BRA)	Newell's Old Boys (ARG)
1991	Colo Colo (CHI)	Olimpia (PAR)
1990	Olimpia (PAR)	Barcelona (EQU)
1989	Nacional (COL)	Olimpia (PAR)
1988	Nacional (URU)	Newell's Old Boys (ARG)
1987	Peñarol (URU)	America (COL)
1986	River Plate (ARG)	America (COL)
1985	Argentinos Jr. (ARG)	America (COL)
1984	Independiente (ARG)	Grêmio (BRA)
1983	Grêmio (BRA)	Peñarol (URU)
1982	Peñarol (URU)	Cobreloa (CHI)
1981	Flamengo (BRA)	Cobreloa (CHI)
1980	Nacional (URU)	Internacional-RS (BRA)
1979	Olimpia (PAR)	Boca Juniors (ARG)
1978	Boca Juniors (ARG)	Deportivo Cali (COL)
1977	Boca Juniors (ARG)	Cruzeiro (BRA)
1976	Cruzeiro (BRA)	River Plate (ARG)
1975	Independiente (ARG)	Unión Española (CHI)
1974	Independiente (ARG)	SÃO PAULO (BRA)
1973	Independiente (ARG)	Colo Colo (CHI)
1972	Independiente (ARG)	Universitario (PER)
1971	Nacional (URU)	Estudiantes (ARG)
1970	Estudiantes (ARG)	Peñarol (URU)
1969	Estudiantes (ARG)	Nacional (URU)
1968	Estudiantes (ARG)	Palmeiras (BRA)
1967	Racing (ARG)	Nacional (URU)
1966	Peñarol (URU)	River Plate (ARG)
1965	Independiente (ARG)	Peñarol (URU)
1964	Independiente (ARG)	Nacional (URU)
1963	Santos (BRA)	Boca Juniors (ARG)
1962	Santos (BRA)	Peñarol (URU)
1961	Peñarol (URU)	Palmeiras (BRA)
1960	Peñarol (URU)	Olimpia (PAR)

interesse que desperta, muito em virtude da tradição que carrega e os lucros que gera aos clubes, vencê-la continua sendo a legítima e única maneira de uma equipe da América qualificar-se para disputar o título mundial.

BRASILEIROS, PASSEM OS ARGENTINOS

A primeira agremiação argentina a vencer o torneio foi o Independiente, em 64. Aliás, a equipe de Avellaneda, subúrbio de Buenos Aires, repetiria a façanha em 65, 72, 73, 74, 75 e 84, chegando à espantosa marca de sete dos 20 títulos que nossos vizinhos possuem. Além dela, Boca Juniors (pentacampeão; levou a taça em 77, 78, 00, 01 e 03), Estudiantes (tricampeão; faturou em 68, 69 e 70), River Plate (campeão em 86 e bicampeão em 96), Racing (67), Argentinos Jr. (85) e Vélez Sarsfield (94) engrossam a lista.

Depois do Santos de Pelé, no início da década 60, o Brasil teria outro vencedor apenas nos anos 70. O Cruzeiro garantiu o caneco na soma dos três jogos com o River Plate em 76. Na década de 80, Flamengo e Grêmio também conseguiram o feito. Liderados por Zico, os cariocas bateram o Cobreloa em 81. E os gaúchos, que tinham como destaques o zagueiro uruguaio Hugo de León e o controvertido atacante Renato Gaúcho, hoje técnico, triunfaram em 1983 diante do Peñarol, em casa, por 2 a 1, resultado que garantiu a quinta conquista nacional na Libertadores.

Nove anos mais tarde, um clube brasileiro despontaria como grande força na competição. Foi o inesquecível São Paulo comandado por Telê Santana que reinou absoluto em 92 e 93, deixando com o vice, respectivamente, Newell's Old Boys, da Argentina, e Universidad Católica, do Chile. Ainda na mesma década, outros brasileiros deram continuidade à hegemonia verde-amarela. Grêmio (95), Cruzeiro (97), cujo comandante era Paulo Autuori; Vasco (98) e Palmeiras (99) totalizaram, com suas conquistas, 11 títulos nacionais até aquele momento. A propósito, com o tricampeonato deste ano, o São Paulo passou a ser o maior vencedor nacional da competição.

Apesar de brasileiros e argentinos dominarem o terreno, o Uruguai está bem-colocado. Somando as oito taças do Peñarol e as três do Nacional, o país garante lugar de destaque. Também é preciso falar do Olimpia, do Paraguai, primeiro

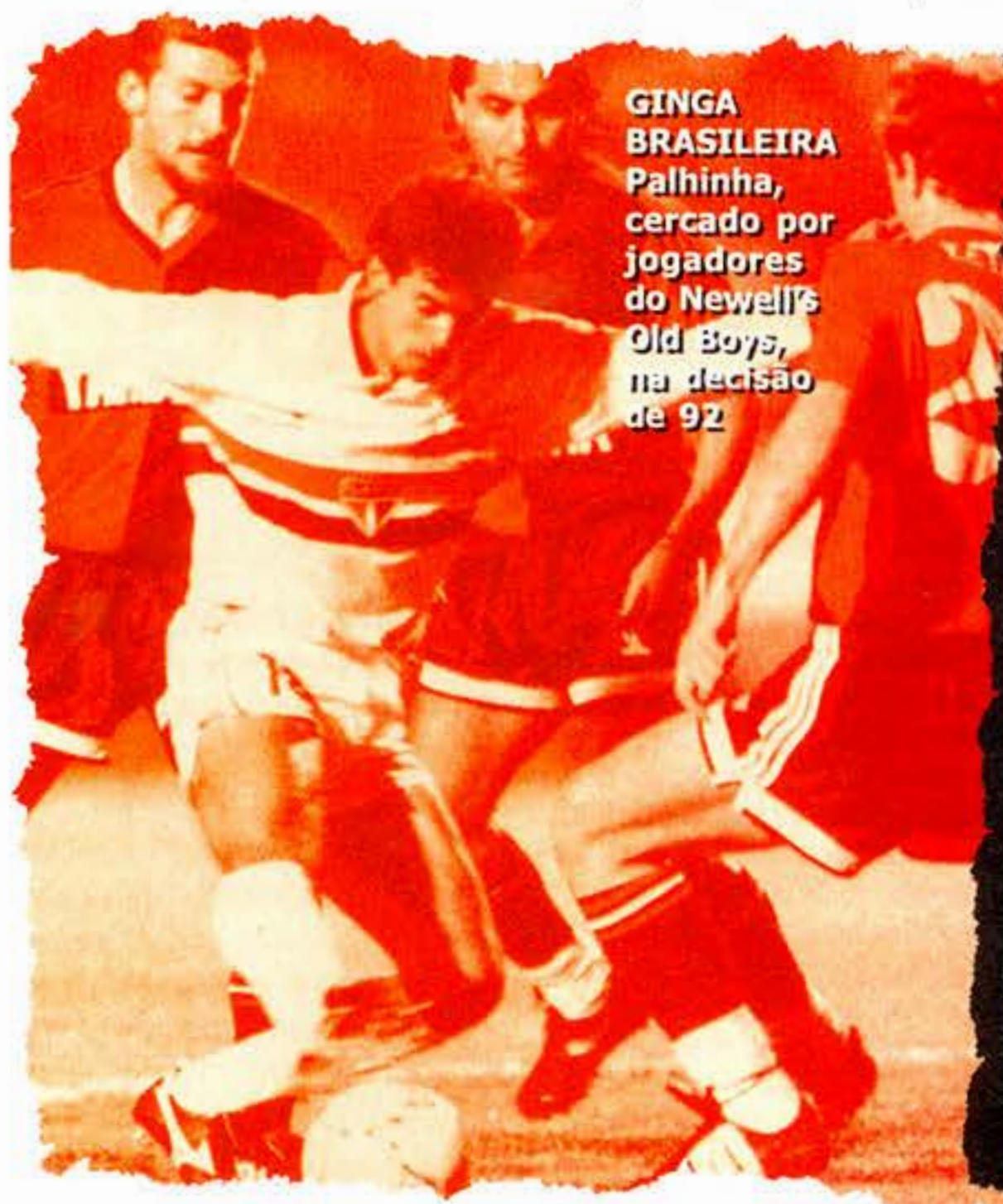
time não argentino, brasileiro ou uruguaio a faturar o troféu continental, em 79. O clube ainda ficaria com o caneco em 90 e 02, quando derrotou o São Caetano em pleno Pacaembu. Por falar em resultado surpreendente, o retrancado Once Caldas, da Colômbia, revelou-se a sensação do ano passado ao superar o favorito Boca Juniors nas penalidades. A equipe de Manizales detém um dos dois títulos do futebol colombiano. O outro pertence ao Atlético Nacional de Medellín, conseguido em 89. O Chile, por sua vez, tem um único representante nessa seleta lista, o Colo Colo, cujo caneco foi alcançado em 91.

foram decididas em três jogos. No primeiro, ocorrido na capital paulista, diante de um público de mais de 50 mil pessoas no Pacaembu, o São Paulo ganhou do adversário por 2 a 1 de virada. Os gols foram de Pedro Rocha e Mirandinha.

A partida da volta, realizada em Avellaneda, teve, numa jogada muito polêmica, o lance capital. Num momento em que o clube do Morumbi mostrava força na marcação e resistia bem à pressão, o árbitro uruguaio Ramón Barreto sinalizou um sobrepasso do goleiro Waldir Peres (*veja entrevista na página 18*). Na cobrança em dois lances, Bocchini converteu, abrindo

direito Forlan foi anotado contra os brasileiros. Na cobrança, Pavoni não desperdiçou. Minutos depois, o juiz Cesar Orozco assinalou outra penalidade. Dessa vez em favor do Tricolor. O meia Zé Carlos, porém, errou. Com a vitória por 1 a 0, o Independiente alcançava seu quarto troféu.

Campeão brasileiro de 77, o São Paulo não conseguiu repetir a performance do nacional no campeonato continental de 78. Num período em que apenas o primeiro colocado de cada grupo permanecia vivo, o time ficou em terceiro lugar de sua chave, atrás de Atlético-MG e Unión Española, do Chi-



GINGA BRASILEIRA
Palhinha, cercado por jogadores do Newell's Old Boys, na decisão de 92

TÍTULOS

Clube	Títulos
Independiente	7
Peñarol	5
Boca Juniors	5
SÃO PAULO	3
Estudiantes	3
Nacional	3
Olimpia	3
Cruzeiro	2
Grêmio	2
River Plate	2
Santos	2
Argentino Jr.	2
Atl. Nacional	1
Colo Colo	1
Once Caldas	1
Flamengo	1
Palmeiras	1
Racing	1
Vasco	1
Vélez Sarsfield	1

ENFIM, UM CAMPEÃO DE SÃO PAULO

Ao longo dos tempos, a participação tricolor acumulou fortes emoções. Engana-se quem pensa que essa é uma história que data da década de 90. Na realidade, o time vice-campeão brasileiro de 71, orquestrado por Pedro Rocha, foi muito bem na Libertadores do ano seguinte, sendo desclassificado somente nas semifinais pelo Independiente, da Argentina.

Em 74, o clube de Buenos Aires foi novamente a pedra no sapato. Impediu o Tricolor de ser coroado o melhor das Américas. Depois de uma ótima primeira fase, em que a equipe bateu o Palmeiras em duas oportunidades - 2 a 0 e 2 a 1 -, as finais

do caminho para o placar de 2 a 0. "Encontrávamos muita dificuldade em termos de arbitragem", relembra Chicão, ex-atleta que fazia parte do elenco tricolor na disputa do título de 74. "Hoje, os juízes estão sendo mais rigorosos, pois estão na televisão, assim como o jogador", argumenta. "Não acredito que haja maldade, mas, sim, a pressão que sofrem nos estádios."

Na época, o regulamento previa que, em caso de uma vitória para cada lado, um terceiro embate seria agendado em campo neutro. E, novamente, o Tricolor sofreu com a marcação duvidosa de uma infração. No terceiro jogo, realizado em Santiago, no Chile, um pênalti cometido pelo lateral-

le. Em 82, o Tricolor também saiu na primeira fase. Mas foi em 87 que o São Paulo teve seu pior desempenho. Acabou em último do grupo, formado por Guarani (o de Campinas), Colo Colo e Cobreloa, ambos do Chile.

Se a torcida viveu momentos de frustração durante a década de 80, nos anos 90 o enredo mudou por completo. Sob o comando de Telê Santana, o Tricolor encantou, convenceu e tornou-se campeão em 92. Na primeira fase da competição, o time paulista classificou-se como líder de sua chave - composta por Críquia, que, diga-se de passagem, era dirigido por Luiz Felipe Scolari - e as equipes bolivianas do San José e do Bolívar. Na

seqüência, os paulistas desclassificaram o Nacional, do Uruguai, e reencontraram o Criciúma para despachá-lo de vez nas quartas-de-final com um empate fora e uma vitória no Morumbi.

Na semifinal, o São Paulo venceu o Barcelona de Guayaquil em casa por 3 a 0 e, apesar de perder por 2 a 0 no Equador, o regulamento garantiu o Tricolor na grande decisão contra o Newell's Old Boys. Mesmo com a derrota por 1 a 0 em Rosário, a tradição tricolor no Morumbi em Libertadores falou mais alto. O São Paulo, no tempo normal, venceu o segundo confronto pelo mesmo placar. Foi proclamado campeão somente depois de uma emocionante sessão de pênaltis, na qual brilhou o talento do goleiro Zetti. "Achava que decidíamos aquele título no tempo normal. Acabamos, porém, indo para os pênaltis", relembra o ex-goleiro tricolor. "Acertei quatro vezes os cantos e acabei defendendo o último. Eram 120 mil pessoas gritando meu nome. Tinha de pegar um de qualquer jeito", afirma Zetti. Pela primeira vez, um time da capital paulista conquistava o título mais cobiçado do torneio sul-americano.

TRICAMPEÃO. PELO MENOS POR ENQUANTO

O bicampeonato veio de maneira mais tranquila. Beneficiado pelo regulamento, que dava o direito ao campeão da edição anterior de entrar na segunda fase da disputa, o Tricolor fez valer, como de costume, o fator campo. Apesar de ter sido derrotado na Argentina por 2 a 0, goleou o Newell's Old Boys no Morumbi por 4 a 0. Em seguida, passou pelo Flamengo com um empate por 1 a 1, no Maracanã, e uma convincente vitória por 2 a 0, em casa.

O Cerro Porteño, do Paraguai, foi o adversário seguinte. Embora tenha obtido uma magra vitória no Morumbi - apenas 1 a 0 -, o Tricolor teve competência para segurar um empate por 0 a 0 em Assunção contra o mais popular clube daquele país apoiado por sua fanática torcida. Dessa maneira, a agremiação paulista qualificou-se para mais uma final de Libertadores. O primeiro jogo de 93 foi contra o Universidad Católica, do Chile, e talvez tenha sido um dos mais fáceis que o Tricolor disputou na história de suas decisões no torneio continental. Com a goleada de 5 a 1, o São Paulo praticamente garantiu o bicampeonato em pleno Morumbi. A superioridade brasileira foi tanta

que até Ignácio Prieto, então técnico adversário, mostrava-se maravilhado com a equipe de Telê Santana. "O São Paulo é uma equipe iluminada", observou na entrevista coletiva.

No jogo da volta, ocorrido em Santiago, apesar do susto de tomar dois gols em menos de 15 minutos, o São Paulo pôs os nervos no lugar, segurando o resultado até o apito final do árbitro Juan Escobar. Em 94, mesmo com um elenco mais limitado que o do ano anterior, o Tricolor teve forças para chegar à sua terceira final consecutiva em Libertadores. Foi, no entanto, derrotado nos pênaltis pelo Vélez Sarsfield, equipe argentina de futebol feio comandada pelo competente e falastrão goleiro paraguaio Chilavert. Essa partida encerrou uma era na história do clube do Morumbi.

Dez anos passaram-se até o São Paulo retornar ao certame continental. O sonho de voltar a disputar a competição concretizou-se em 2004 graças à excelente campanha no Campeonato Brasileiro de 2003, quando o time foi conduzido no segundo semestre por Roberto Rojas, chileno que foi arqueiro do São Paulo e que, quando passou a técnico, era treinador de goleiros. No gramado do Morumbi, o Tricolor mostrou-se praticamente irresistível. As vitórias em casa foram se sucedendo. Na primeira fase, Cobreloa (Chile), LDU (Equador) e Alianza (Peru) sucumbiram ao poderio são-paulino. Nas oitavas, o Rosário Central, da Argentina, foi batido por 2 a 1 no tempo normal de jogo e por 5 a 4 nos pênaltis. Em seguida, dois passeios sobre o Deportivo Táchira, da Venezuela: 3 a 0 no Morumbi e 4 a 1 em Maracaibo.

O único tropeço foi justamente o que custou o direito de disputar o título com o Boca Juniors. Atuando no que a crônica especializada classificou como o mais retranqueiro esquema tático já visto em todas as edições da Libertadores, o Once Caldas, da Colômbia, desclassificou o São Paulo arrancando um empate sem gols no Morumbi e uma vitória por 2 a 1, em Mérida. Neste ano, contudo, a Libertadores fez as pazes com o futebol bem jogado. Com garra, é verdade, mas também promovendo espetáculos, o São Paulo voltou a ser coroado o senhor das Américas. O clube já soma 18 anos de invencibilidade atuando em casa pela competição continental. No ano que vem, tem mais!

BATE-BOLA COM WALDIR PERES

Goleiro titular do São Paulo Futebol Clube entre 73 e 84, Waldir Peres participou daquela polêmica final, disputada em três partidas, da Libertadores de 74 com o Independiente. O ex-arqueiro conta a seguir alguns detalhes do jogo realizado em Buenos Aires, no qual o São Paulo complicou-se por causa da atuação do árbitro.

No segundo jogo das três finais diante do Independiente em 74, o juiz sinalizou um sobrepasso seu. Como foi esse lance?

Foram três jogos para definir o campeão. O primeiro foi no Pacaembu. Ganhamos por 2 a 1. Em Buenos Aires, ocorreu o segundo. Mas, justamente, naquela época a interpretação da regra estava mudando. O goleiro tinha apenas dois passos para chutar a bola para frente. O jogo, porém, foi muito confuso. Fui apedrejado. Deve haver foto em que aprego com a cabeça enfaixada. Minha camisa de baixo ficou toda ensangüentada e minhas costas, cheias de hematomas porque os torcedores atiravam bolinhas de vidro com estilingue. Quanto à minha infração, aquilo não foi sobrepasso. Esse foi o lance que originou o primeiro gol. O segundo saiu numa jogada de escanteio. A torcida soltou um rojão em direção à defesa do São Paulo. Foi nessa situação que eles marcaram. Fomos, depois de 48 horas, para a terceira partida em Santiago, no Chile. O Independiente fez um gol de pênalti. Mas o São Paulo teve a oportunidade, aos 42 do segundo tempo, de empatar. O Zé Carlos cobrou o pênalti, mas o goleiro defendeu.

O São Paulo perdeu a segunda partida para a arbitragem?

Foi uma arbitragem realmente muito difícil porque, naquela época, nem todos os jogos eram transmitidos. Não se observava aquilo que acontecia durante a partida. Até take (de televisão) era difícil.

Argentinos e uruguaios jogavam de maneira mais dura?

Sempre jogaram muito forte para definir. Nas divididas, vinham para machucar. Todo time brasileiro que fosse decidir em Buenos Aires não ganhava mesmo.

O que mudou nas disputas de Libertadores de lá para cá?

Hoje, o torneio é bem diferente. A decisão atualmente é em dois jogos. Mas antes era em três. Não existia mata-mata. Acontecia apenas na final. Não tinha segurança para jogar fora. Também não eram feitas as transmissões da televisão, que, hoje, expõem mais a arbitragem. Atualmente, a Libertadores é um torneio importantíssimo, pois é visto pelo mundo todo. Antigamente, não tinha essa cobertura.

Ficou mais "fácil"?

Nos últimos dez anos, a incidência de times e títulos brasileiros tem sido muito grande.

O que marcou a conquista do tricampeonato?

A determinação do São Paulo. A equipe se propôs a ganhar esse título. Acredito que os jogos mais decisivos foram contra o River Plate. O time mostrou que, em Libertadores, é aguerrido. É uma equipe que tem tradição na competição.



ÍDOLOS INSUPERÁVIES

O ex-goleiro Waldir Peres, que disputou três Libertadores pelo Tricolor, recebendo homenagem de Rogério Ceni no dia em que o goleiro-artilheiro alcançou a marca do ex-arqueiro: 617 jogos com a camisa tricolor



RUBENS CHIRI



Julho histórico

Julho de 2005 foi um mês de muitos acontecimentos diferentes da rotina de outros meses. Nesses trinta e um dias, muita coisa foi diferente e importante. Fatos políticos levaram preocupação a tesoureiros e secretários de diversas instituições, os do São Paulo não se envolveram. Butiques das luxuosas foram visitadas em horários alternativos por pessoas que, ao contrário de comprar mercadorias, levaram documentos. A butique do São Paulo não foi visitada, mas precisa ser mais procurada, não por esse tipo de visitante, mas por torcedores consumidores. Dois pavilhões do Carandiru foram implodidos. Justo nesta época em que cadeia está fazendo falta. No meio dos campeonatos, caíram técnicos de futebol, e novos foram apresentados, porém o Paulo permaneceu e o Telê foi lembrado. A política ferveu, muito marketing foi feito a respeito. O Julio nada teve a ver com isso. Mala, cueca, dinheiro e igreja se misturaram no noticiário. Dessa vez, o futebol ficou de longe. Ninguém se casou ou se separou em julho de 2005 entre aqueles que a mídia gosta de revelar. Nenhum jogador de renome mudou de clube para fazer abalar o mercado, mas a transferência do Júlio Baptista para o Real Madrid produziu frutos para o Tricolor. A novela Robinho continuou e o Vágner Love nem chegou. Triste foi saber que Jair Rosa Pinto entrou no avião azul e foi para o céu. Popó derrotou no primeiro assalto um panamenho e as meninas do vôlei ganharam o Grand Prix. Rotina. Como rotina foi a derrota do Guga, que já teve vitórias brilhantes. A Discovery subiu e o Jardel de Oliveira também, medalha de ouro no salto triplo do Grand Prix de Atletismo da Suécia. No Mundial de Desportos Aquáticos, o Brasil naufragou. Nenhuma medalha. Julho correu depressa, devagar foi a Ferrari, nem Schumacher, nem Barrichello... a culpa foi dos pneus. Nem tudo relatado, porque é preciso lembrar o que aconteceu de diferente e importante!

De importante foram os acontecimentos no São Paulo Futebol Clube.

Foi um julho diferente. Tudo começou com idéias e planos que, nas cabeças dos dirigentes, os chamados cartolas, se estabeleceram e se desenvolveram. A formação do time, a preparação física do plantel, a escolha do técnico, o ambiente entre jogadores, comissão técnica e diretoria, além do apoio da torcida, constituíram fatores positivos, que permitiram que a alegria dos são-paulinos pudesse se transformar em realidade. Essa apareceu em duas datas desse mês. Dias 3 e 14. Dois jogos: um empate e uma vitória. O resultado de 4 a 0 em uma final não é todo dia que se obtém. E a Copa Toyota Libertadores pela terceira vez de posse do São Paulo Futebol Clube. No Brasil, clube algum atingiu esse feito. Acabou o nervosismo, alegria total do Juvenal e de sua comissão pela conquista.

Mas não foi só. Esse foi o primeiro passo para se chegar à condição histórica do mês, pois Deus, como disse Bastos, é são-paulino porque é perfeito, deu a dádiva de um dia ensolarado para a data de 16. Talvez tenha sido um pedido de São Paulo, ou de Nossa Senhora de Aparecida que seria consagrada, em uma bela capela, momento singelo que deu início às solenidades desse dia. Reunião de são-paulinos para testemunhar a inauguração do Centro de Formação de Atletas Presidente Laudo Natel. Foi uma inauguração como se devia. Desde o filho do proprietário que vendeu o terreno para o clube, passando pelo Quinzinho, prefeito de Cotia, pelos conselheiros, pelas senhoras, pelos jogadores, pela imprensa e até pelo Presidente Laudo Natel, que de forma lúcida e clara se manifestou, agradecendo sensibilizado, todos ficaram encantados pela natureza do local, com o verde das matas e dos campos de futebol, acompanhada pela beleza e pela qualidade das instalações inauguradas. Satisfação e orgulho do Marcelo e de sua diretoria pela realização.

O tempo caminha, outras batalhas terão que ser enfrentadas, mas este julho que passou em histórico se transformou!



COMPARA

Por Carlos Mesquita

Por sua grandeza, o São Paulo Futebol Clube possui uma das galerias de ídolos mais representativas do futebol. Não custa lembrar que o Tricolor de Rogério Ceni já foi, um dia, o de Friedenreich, de Mauro Ramos de Oliveira, de Dias, de Noronha, de Zizinho, de Canhotoiro, de Leônidas, de Pedro Rocha e de Raí, além, é claro, de uma porção quase incalculável de outros craques, que, não importando a posição nem a época, deixaram sua assinatura pelos gramados através dos tempos, encantando a todos que os viram em ação.

Se dentro de campo o time sempre contou com atletas do mais alto nível, também teve inúmeras cabeças privilegiadas no banco de reservas, como Jorge de Lima, o Joreca; Bella Gutman, Vicente Feola, Rubens Minelli e Otacílio Pires de Camargo, o Cilinho. Na década de 90, porém, um iluminado deixaria o nome no coração e na memória da torcida, cujo crescimento recente tem bastante a ver com suas façanhas. Os muitos momentos bem-sucedidos que viveu no São Paulo fizeram de Telê Santana o mais inesquecível técnico que já passou pelo Morumbi. Com ele à frente da equipe entre 90 e 95, o são-paulino perdeu a voz de tanto comemorar.

Curiosamente, quando chegou ao clube, Telê carregava o estigma de pé-frio. Tinha participado da Copa de 82, na Espanha, onde dirigiu uma das seleções mais brilhantes da história. Mas caiu diante da Itália do implacável e oportunista Paolo Rossi. Em 86, novamente comandou o plantel nacional na Copa



Telê recebendo uma homenagem de Marcelo Portugal Gouvêa em dezembro de 2003

do México. E sentiu na pele outra decepção. Perdeu para a França do habilidoso Michel Platini. Apesar dessas peças pregadas pelo destino, suas virtudes saltariam aos olhos do mundo num futuro próximo.

No São Paulo, logo em seu primeiro torneio como treinador, o Brasileiro de 90, disputou a final com o arqui-rival Corinthians. Não conseguiu vencer o time do Parque São Jorge. No ano seguinte, entretanto, foi campeão Paulista em cima do mesmo Corinthians. Era a vingança. Mais do que uma simples desforra, porém, significou o início de uma época de fartura no Morumbi. Exigente, fazia seus comandados treinarem fundamentos até atingirem o objetivo. Com seu estilo disciplinador, levou o São Paulo Futebol Clube às alturas. Conquistou um Brasileiro, duas Libertadores, dois Mundiais Interclubes, uma Supercopa da Libertadores, duas Recopas e uma Conmebol, afora outros títulos.

Apesar de o time ter participado pela primeira vez da competição continental na década de 70, foi com Telê que o são-paulino começou a sentir o gosto dessa sinergia tão intensa que sempre ocorre entre público e equipe em seu estádio. Hoje, aos 73 anos e afastado do futebol por conta de um problema de saúde – desde 97, vem sofrendo de uma isquemia cerebral –, vive em Belo Horizonte (MG), de onde

acompanhou, sempre que os horários permitiram, a campanha do tricampeonato da Libertadores e, principalmente, a grande final. Por e-mail e com a ajuda do filho Renê Santana, o mestre conversou com a **Revista Oficial do São Paulo**. Falou da realização que foi trabalhar no Tricolor, traçou analogias entre a equipe atual e o time dirigido por ele e ainda deu conselhos a Danilo.

O senhor se emocionou vendo o SPFC jogar da forma como atuou na segunda final diante do Atlético-PR?

Sim. Por alguns minutos, me lembrei daquele time glorioso, com futebol técnico, de toques rápidos e solidários que fazia a festa da torcida e se embalava com ela.

Surpreendeu-se com o futebol apresentado pelo time? Imaginava um placar tão elástico?

Era o que eu esperava: reviver a alegria da conquista da Libertadores dentro do Morumbi, num ambiente totalmente tricolor em clima de festa que propiciava até uma goleada.

O que e quem o senhor destaca nessa campanha?

O espírito participativo da torcida, que apóia seus jogadores quando lutam, correm e primam pela desenvoltura técnica representados por seu líder e capitão Rogério Ceni, enche de orgulho seu treinador, que, eu sei muito bem, gostaria que isso nunca terminasse.

Muita gente comparou o Danilo ao Raí. Também enxerga essa semelhança?

Dentro de campo, sim. Mas desejo ao Danilo que se espelhe no exemplo de liderança silenciosa,

glórias

companheirismo e caráter do Raí. Assim, também vai marcar época no São Paulo.

A presença de Rogério Ceni é um pouquinho do senhor no atual elenco?

Muito me orgulha ter influenciado, como ele mesmo declarou, sua decisão de desenvolver a técnica do chute, principal fundamento do futebol e que o transformou num jogador jamais visto no Brasil.

Como o senhor avalia o trabalho de Paulo Autuori?

Aos poucos, vai impondo ao time uma personalidade que agrada a mim.

Por que o São Paulo é um clube diferenciado?

Tradição, hierarquia, estrutura são alguns ingredientes dessa grandeza que nos faz querer melhorar e sempre estar nesse clube.

O que representa o São Paulo para o senhor?

A minha realização como futebolista que interferiu na história do esporte do Brasil, da América e do mundo. E principalmente a realização do cidadão que viveu uma lição de vida.



Técnico mais vencedor da história do clube, TELÊ SANTANA, que se afastou do futebol por causa de problemas de saúde, acompanhou a trajetória do São Paulo na Libertadores 2005 com muita emoção e compara a equipe de hoje com o time que comandou no início dos anos 90



REPRODUÇÃO

TRI

CAMPEÃO LIBERTADORES

1992

1993

2005



A noite fria de 14 de julho tornou-se quente e inesquecível para a nação tricolor, que viu seu time desfilar um futebol de altíssimo nível e conquistar a América

Por Fernando Savaglia

Foram anos de espera para uma torcida que se acostumou com títulos internacionais. No começo da década de 90, a conquista de duas Libertadores permitiu que o São Paulo, comandado por Telê Santana, participasse e se sagrasse campeão de dois Mundiais Interclubes, duas Recopas e uma Supercopa. Mas, na esteira desses triunfos, viria uma sequência impressionante de outros. O Tricolor de Zetti, Rai e Cafu lotou o Memorial do Morumbi com um punhado de taças provenientes de torneios internacionais. Enquanto o time principal trabalhava para ampliar essa galeria, a equipe B se encarregava de faturar a Copa Conmebol, em 94.

A partir desse ano, porém, o clube entraria no mais longo hiato em sua história em termos de Libertadores, torneio de que participou pela primeira vez em 72. Da frustrante derrota nos pênaltis para o Vélez Sarsfield, em 31 de agosto de 1994, até sua primeira partida na edição de 2004, passaram-se exatos nove anos, sete meses e onze dias. Em sua estréia no ano passado, a equipe dirigida por Cuca enfrentou e venceu o Alianza por 2 a 1 no Estádio Nacional de Lima, no Peru. Apesar da boa campanha, o surpreendente Once Caldas encarregou-se de frustrar o sonho da disputa que seria a quinta final continental do Tricolor.

Embora a torcida tenha ficado triste, 2005 reservou surpresas fantásticas que com-

pensariam aquela angústia e os longos anos longe dessa disputa, que, aliás, é uma das prediletas tanto do clube quanto de torcedores. A julgar pela performance no Paulista deste ano, que corou a equipe, a participação são-paulina em sua décima Taça Libertadores da América era aguardada com otimismo por fãs, dirigentes, comissão técnica e atletas.

As expectativas se concretizaram, haja vista que, até a consagração na grande final, o time do goleiro-artilheiro Rogério Ceni, um dos destaques da Libertadores, já havia garantido a melhor campanha de toda a história tricolor no torneio. Foram oito vitórias, quatro empates e apenas uma derrota, o que correspondeu ao excelente aproveitamento de 72% dos pontos disputados. Mesmo com a transferência do técnico Emerson Leão para o

futebol japonês a duas partidas do término da primeira fase, o São Paulo classificou-se como primeiro do grupo com certa tranquilidade.

Nos campos adversários, foram três empates: The Strongest, da Bolívia (3 a 3), Universidad de Chile (1 a 1) e Quilmes, da Argentina (2 a 2). Em casa, o efeito Morumbi teve enorme relevância. Diante de uma torcida que aprendeu a disputar esse torneio com a equipe - marcando presença e imprimindo sua vibração -, o Tricolor obteve três convincentes vitórias sobre Universidad (4 a 2), Quilmes (3 a 1) e The Strongest (3 a 0).

E A ESCRITA FOI ALTERADA

Nas oitavas-de-final, um velho conhecido cruzaria o caminho tricolor. Se em jogos por campeonatos nacionais, estaduais e regionais a estatística do confronto São Paulo X Palmeiras demonstra equilíbrio digno de um dos mais importantes clássicos do Brasil, na competição sul-americana o time do Morumbi leva enorme vantagem. Das seis partidas disputadas, o São Paulo saiu vitorioso de cinco. Houve apenas um empate.

Neste ano, o clube venceu as duas vezes que cruzou o arquirival na Libertadores. No primeiro encontro, já sob o comando de Paulo Autuori, o Tricolor,



TRI
CAMPEÃO
LIBERTADORES
1992
1993
2005

por um capricho do destino, não converteu uma penalidade, a equipe arrasou o adversário por 4 a 0. Apesar do placar adverso no jogo da volta em Monterrey, 2 a 1 para os anfitriões, em nenhum momento a classificação para as semifinais foi ameaçada.

O duelo com o River Plate no Morumbi, considerado uma final antecipada, teve na violência um infeliz coadjuvante – o protagonista, porém, foi o excelente espetáculo dado pelo Tricolor. Brasileiros apedrejaram o ônibus da delegação portenha fora do estádio. Dentro do Morumbi, torcedores argentinos entraram em con-

fronto com a polícia. Incidentes à parte, o público presente, mais de 60 mil pessoas, viu um embate duríssimo. Os portenhos marcaram pesado, não dando espaços ao ataque tricolor. Tanto é que, apenas aos 32 minutos da etapa final, num chute cruzado do meia Danilo, o São Paulo abriu o placar. Mesmo assim, o River não esmoreceu. O clube argentino continuou se defendendo bem. Até que, aos 43, Rogério Ceni, de pênalti, deu números finais ao marcador.

A prova de fogo foi no jogo da volta. O time apresentou-se diante de uma fanática torcida adversária que compareceu em grande número ao Monumental de Nuñez. Contrari-

ando as expectativas que previam retranca e contra-ataques, os são-paulinos empurraram os argentinos para o próprio campo de defesa deles desde o começo. A vitória por 3 a 2, com gols de Danilo, Amoroso e Fabão, foi o resultado merecido para um time determinado que aliou a técnica com a garra de um legítimo campeão. De quebra, a escrita de o Tricolor nunca ter vencido um clube daquele país lá dentro em jogos válidos pela Libertadores foi quebrada. Pela quinta vez, o São Paulo chegou a uma final do torneio de futebol mais importante das Américas.

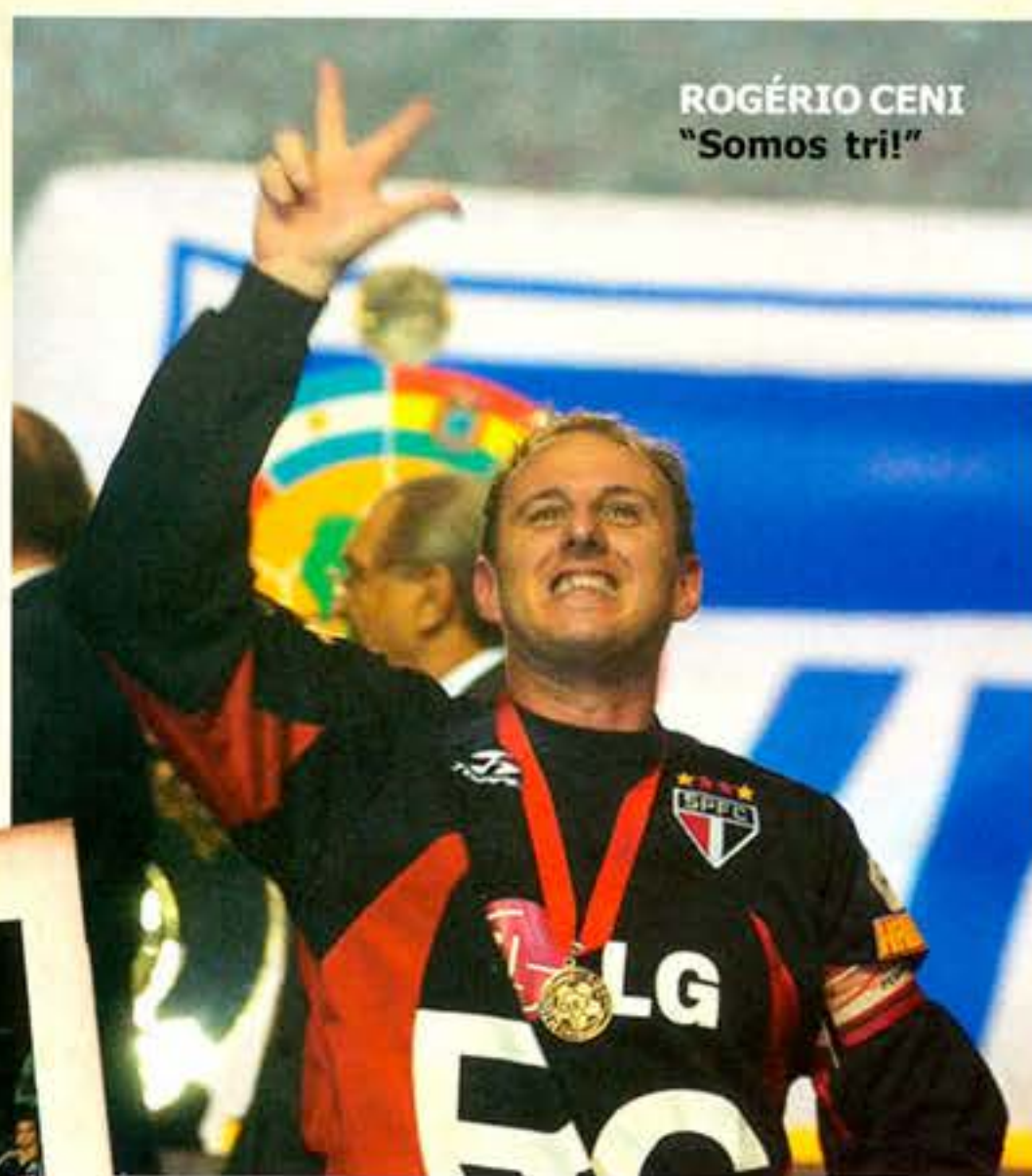
ESTRATÉGIAS À PARTE...

Apesar da campanha irregular na primeira fase, quando se classificou graças a uma combinação de resultados, o Clube Atlético-PR disputou o título com méritos. Deixou para trás o Santos, após uma surpreendente vitória em plena Vila Belmiro, e o Chivas Guadalajara. Cumprindo o regulamento que foi aprovado por todos os participantes do certame no princípio da competição, a Conmebol, Confederação Sul-americana de Futebol, vetou a realização da primeira partida da final na Arena da Baixada. O estádio paranaense não dispõe dos 40 mil lugares mínimos exigidos.

Depois de viver uma semana repleta de polêmicas, decidiu-se que São Paulo e Atlético-PR enfrentar-se-iam em Porto Alegre, no Estádio Beira-Rio. A decisão foi a

com um golaço de Cicinho aos 14 minutos do segundo tempo, deixou o Palmeiras para trás em pleno Parque Antártica. Na partida da volta, mesmo com um jogador a menos a maior parte da etapa complementar, o time garantiu-se nas quartas-de-final com gols de Rogério Ceni e, de novo, Cicinho.

A próxima vítima da eficiência são-paulina no Cícero Pompeu de Toledo foi o Tigres, do México. Com uma atuação de gala de Ceni, que fez dois gols de falta e que, somente



ROGÉRIO CENI
"Somos tri!"



NOS BRAÇOS
DA TORCIDA
A consagração
de um ídolo



FABÃO
Um belo
e importante
gol na final



BIGAMP EÃO

Libertadores 1993



Em pé (E/D): Gilmar, Zetti, Dinho, Vítor, Pintado e Marcos Adriano **Agachados (E/D):** Müller, Palhinha, Válber, Raí e Cafu



TRICA

Libertado



AMP EÃO

ores 2005



UBE BICAMPEÃO MUNDIAL 92/93





CAMP EÃO

Libertadores 1992



Em pé (E/D): Ivan, Adílson, Zetti, Cafu, Ronaldão e Antônio Carlos **Agachados (E/D):** Müller, Palhinha, Pintado, Raí e Elivelton

primeira entre duas equipes de um mesmo país na história da Libertadores. Num jogo truncado, em que o time do Paraná foi melhor no primeiro tempo e os paulistas no segundo, o placar ficou num magro 1 a 1. O campeão seria conhecido no Morumbi.

Há 18 anos, o Tricolor não perde em casa disputando Libertadores. Até a final contra o Atlético-PR, foram 35 vitórias, oito empates e quatro derrotas. A última delas aconteceu em 8 de maio de 1987, data em que o time foi derrotado pelo Colo Colo - os chilenos venceram por 2 a 1. Além disso, o São Paulo nunca foi desclassificado por clube brasileiro nas fases de mata-mata do torneio. Para o Atlético-PR, considerando outras competições, não perde faz 22 anos no Morumbi.

Com um retrospecto desses, como não ficar confiante num resultado positivo? Se aproveitando do favoritismo paulista tão apregoado pela imprensa, o experiente Antônio Lopez, técnico do Atlético-PR, tentou motivar seus atletas argumentando que os são-paulinos estavam comemorando o título antecipadamente. Para combater essa estratégia, a comissão técnica tricolor "blindou" o plantel. Todos do elenco ficaram longe dos holofotes da imprensa. "Conheço e gosto do Antônio Lopez. No entanto, de tanto ele falar que a gente estava desrespeitando o Atlético, tive de, em algumas vezes, responder, tomando o cuidado para não aumentar as provocações", explicou Marco Aurélio Cunha, superintendente de futebol do São Paulo. "Isso faz parte do futebol. Mas esse expediente é de quando a TV ainda era em preto-e-branco", divertiu-se. Carlinhos Neves, preparador físico tricolor, disse que já conhecia as táticas de Lopez. "Trabalhei com ele. Fomos campeões no Paraná

"Pude viver os dois títulos de 92 e 93 em outra situação e também aquela derrota triste de 94. Hoje, a gente resgata a história do São Paulo e o recoloca no lugar merecido pela grandeza que ele representa" ROGÉRIO CENI

Clube. Esse jogo psicológico é apenas uma estratégia que ele usa. Nós, porém, não começamos ontem no futebol", disparou. "Para nos precavermos contra esse tipo de coisa, nos isolamos."

A HORA DA VERDADE

São Paulo, 14 de julho de 2005. Tudo pronto para a grande final. Às 16h, os arredores do Estádio Cícero Pompeu de Toledo já estavam repletos de torcedores. Cambistas e vendedores ambulantes misturavam-se com milhares de tricolores que voltavam a presenciar uma disputa válida pelo título da Libertadores após 11 anos. Às 18h, os portões foram abertos e, em pouco tempo, as cadeiras cativas e numeradas já estavam tomadas. Apesar de não haver ingressos disponíveis dias antes da partida, muita gente dirigiu-se ao campo na esperança de conseguir acompanhar o jogo.

Das arquibancadas, ouvia-se um emocionante coro que se estendeu por todo o Morumbi, saudando um dos heróis da conquista do bimundial: "Olê, olê, olê, olê, Telê, Telê". Meia hora antes do pontapé inicial, a nação são-paulina foi surpreendida com a exibição de imagens no telão do estádio. Era o aquecimento nos vestiários. O alto astral e a confiança revelados pelos atletas se divertindo com "embai-xadas" contagiou as arquibancadas. Todos se manifes-

taram num arrepiante grito de apoio aos craques só suplantado minutos depois pela entrada do time em campo.

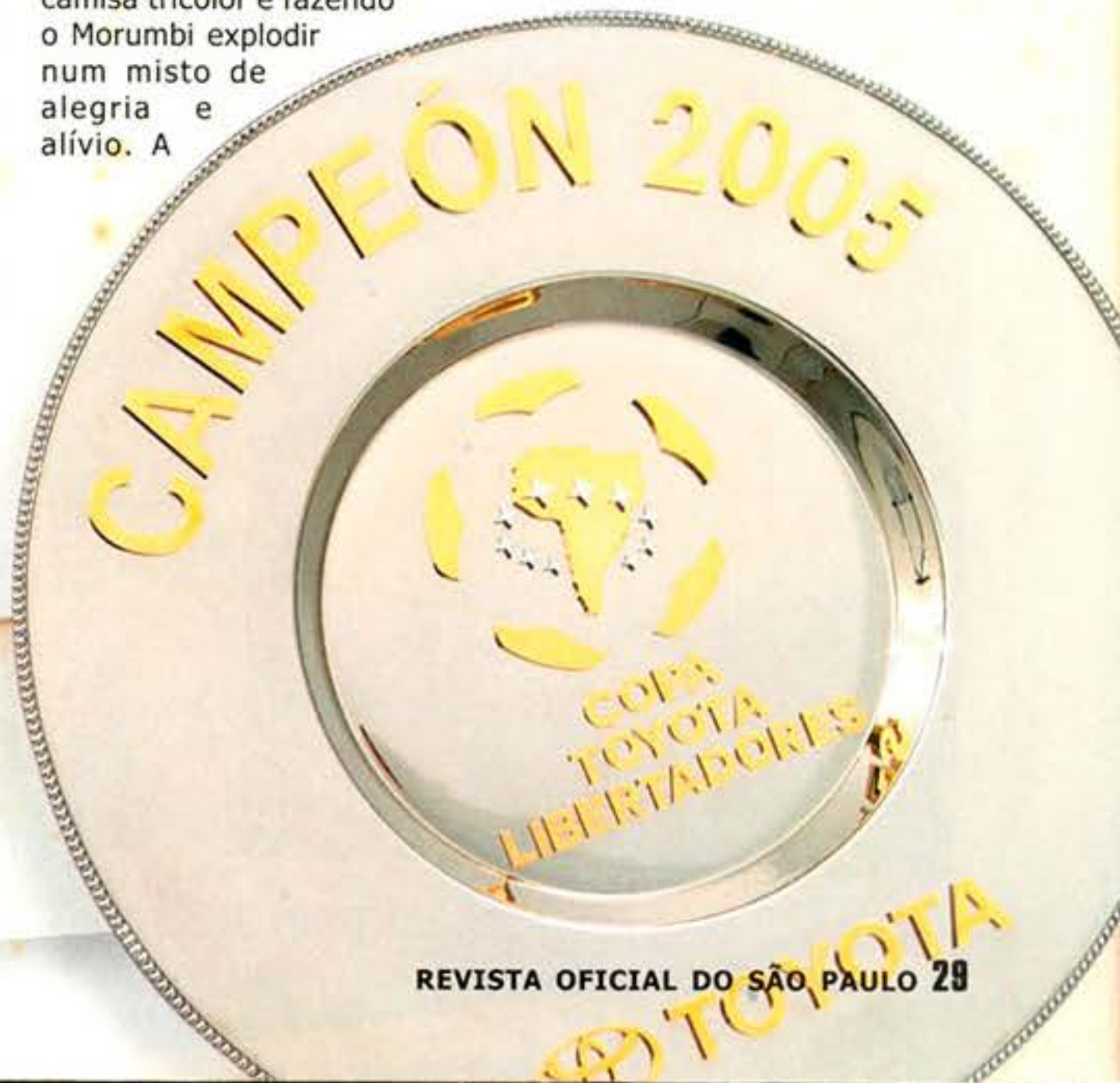
Às 21h45, o árbitro argentino Horácio Elizondo apitou o começo da final. O que se viu nos primeiros momentos acabou sendo um retrato do que foi a final. Um São Paulo determinado, aguerrido que, jogando coletivamente, não deu chances ao Atlético-PR. Representativo desse comprometimento com seu objetivo foi um lance em que o lateral Cicinho, ao evitar uma progressão do ataque adversário, comemorou o desarme como se fosse gol. Pressionando e atuando com gana de vencer, o São Paulo não demorou para marcar seu primeiro gol. Após uma tabela entre Danilo e Luizão, o meia chutou, mesmo caído, em direção à meta. No rebote do goleiro Diego, Amoroso cabeceou, conferindo seu segundo tento com a camisa tricolor e fazendo o Morumbi explodir num misto de alegria e alívio. A

sólida retranca atleticana finalmente havia sido derrubada. Mas os comandados de Paulo Autuori queriam mais. Continuaram pressionando os adversários no campo de defesa deles. Algumas outras oportunidades foram criadas e perdidas. Quando o primeiro tempo caminhava para o final, sem o clube paranaense ter criado nenhuma real chance de gol, Elizondo assinalou um pênalti, para muitos, inexistente em favor do Atlético-PR. Na cobrança, o meia Fabrício acertou a trave, desperdiçando a única oportunidade de seu time. Depois do susto, o intervalo.

SHOW DE BOLA

Finais de campeonato são geralmente tensas, truncadas e disputadas palmo a palmo. Mas, se por um aspecto são ricas em emoções pelo que representam, nem sempre

"Entramos para a história. Somos o primeiro clube brasileiro a conquistar o tricampeonato da Libertadores" JÚNIOR





oferecem espetáculos de encher os olhos. O que se viu na segunda etapa, entretanto, foi uma verdadeira aula de futebol dos são-paulinos. Aos sete minutos, o zagueiro Fabão, de cabeça, ampliou a vantagem ao aproveitar um escanteio. A pequena torcida do Atlético-PR, apreensiva pelo que tinha presenciado no primeiro tempo, calou-se de vez. Pois o

título estava mais próximo das mãos tricolores.

Graças à marcação avançada dos ótimos volantes Mineiro e Josué, os paranaenses começaram a arriscar chutes da intermediária. Mas de maneira frustrada. Enquanto isso, as investidas são-paulinas levavam perigo. Aos 25 minutos, o oportunista Luizão fez o terceiro. Ele recebeu um presente de Amoroso. Chorando, o atacante, que foi para o clube Nagoya Grampus (Japão), comemorou o gol que, praticamente, colocou um fim em qualquer pretensão adversária de mudar os rumos do jogo. Naquela altura, a taça já tinha dono. Luizão despediu-se da melhor maneira possível do clube. Saiu nos braços da torcida que o acolheu como herói. Nesse instante, a festa tomava conta do Morumbi que, em êxtase, ainda presenciou Diego Tardelli completar a goleada de 4 a 0 aos 43 minutos.

Sem praticamente nenhum acréscimo, Horácio Elizondo apontou para o centro do gramado. A festa que se seguiu foi digna da atuação da equipe dentro de campo. O

atacante Grafite, um dos mais animados, afastado das finais por causa de uma contusão no joelho, comemorava com os companheiros. "Graças a Deus, conseguimos chegar ao nosso maior objetivo. Agora é festejar e, em seguida, focar o Campeonato Brasileiro para tentarmos mais esse título para a torcida."

Paulo Autuori, ao ser comunicado que o ex-técnico Telê Santana estava acompanhando e torcendo para o São Paulo, declarou: "Todo o Brasil tem muito a agradecer ao Telê Santana por aquilo que ele representa para o nosso futebol. É uma referência para nós". No túnel de acesso ao gramado, um eufórico lateral Cicinho, peça fundamental na equipe tricampeã, explicava que estava com a sensação de dever cumprido. "Apesar do resultado elástico para uma final, fizemos por merecê-lo. Agora é só comemorar."

O TÃO FALADO (MORUM) TRI

Como não poderia deixar de ser, o presidente Marcelo Portugal Gouvêa não escondia a satisfação. "É uma sensação indescritível. Já fui bicampeão mundial como torcedor, mas hoje, como presidente, o sabor é diferente." Sobre o placar surpreendente de 4 a 0,

Gouvêa fez questão de salientar que não foi fácil. "Foi muito difícil. Quando fizemos 3 a 0 é que a torcida relaxou. Mas, até chegar a isso, foi um jogo disputado."

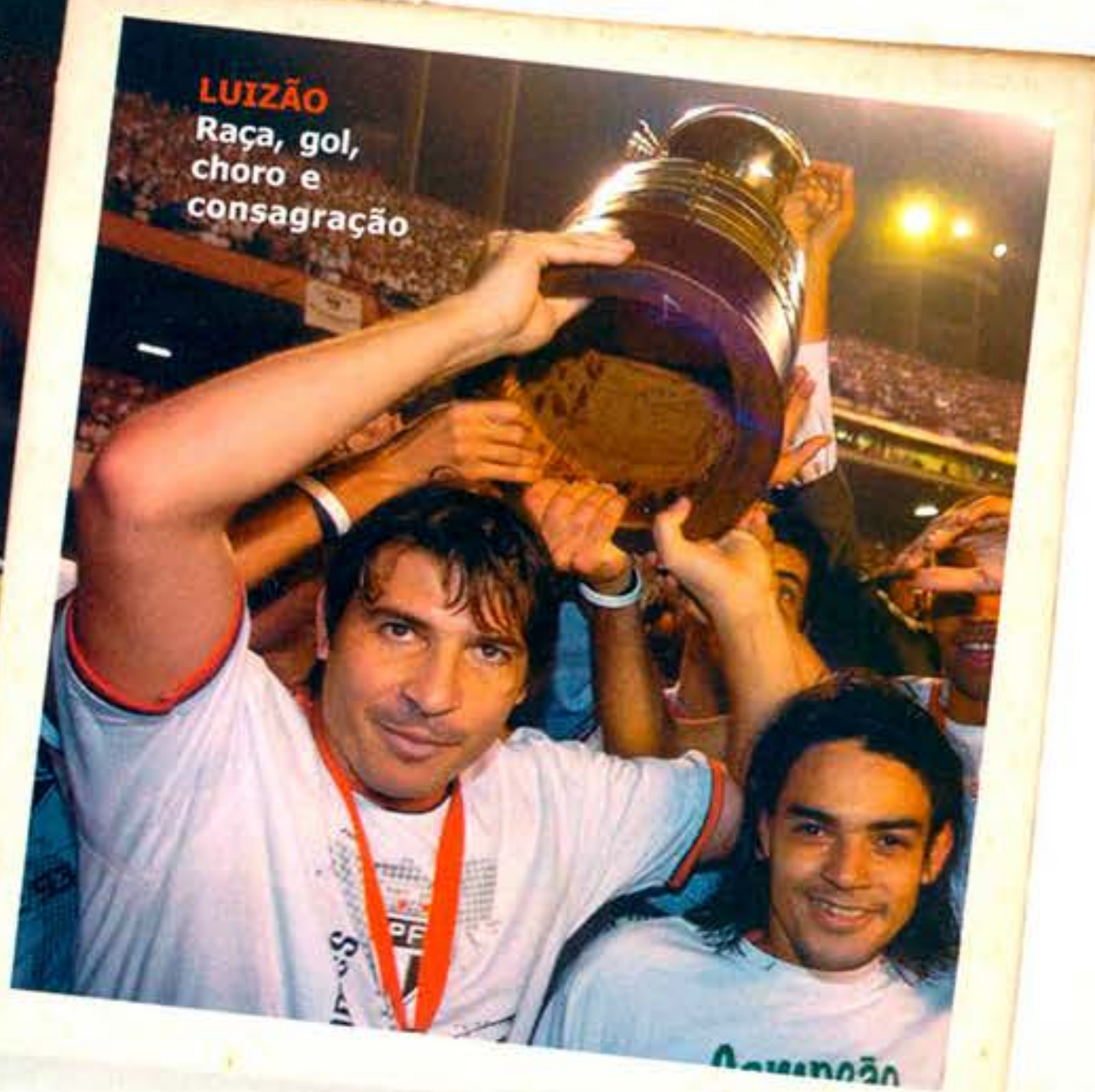
Opinião parecida teve o zagueiro Alex, que se firmou como titular na equipe de Autuori. "Apesar do resultado, o jogo foi bastante duro. O nosso time teve méritos de conseguir neutralizar os pontos fortes do adversário." O ator Henri Castelli, que até viajou para a Argentina a fim de acompanhar ao vivo o confronto com o River Plate, garante que se acalmou somente após Luizão balançar as redes. "No intervalo, estava até com câibra. Parecia que eu tinha jogado junto (risos)", revelou. "Quando eles perderam o pênalti, fiquei mais confiante. Mas só me tranqüilizei, de verdade, quando fizemos o terceiro", arrematou.

As comemorações estenderam-se ao vestiário, onde reinava um clima de absoluta felicidade pelo brilhante desempenho no desfecho da competição. Carlinhos Neves dizia-se muito satisfeito com a execução do planejamento traçado para a disputa da Libertadores. "Temos uma equipe multidisciplinar de profissionais competentes. São fisiologistas, fisioterapeutas, preparadores físicos, médicos, nutricionistas,

AMOROSO
Seu segundo tento com a camisa tricolor, que saiu na grande final, abriu caminho para a vitória



LUIZÃO
Raça, gol, choro e consagração





PAULO AUTUORI
Entre Cícinho
e Souza (à esq.),
festejando sua
segunda conquista
continental

“Como profissional, é um privilégio poder estar num clube dessa excelência. É fundamental ter um bom ambiente para trabalhar e um grupo em que todos se sentem úteis” PAULO AUTUORI

trabalhar e um grupo em que todos se sentem úteis.”

Para Juvenal Juvêncio, diretor de futebol, a relação do Tricolor com a Libertadores é diferente. “Depois de longos 11 anos, esse é um momento especial para a história do clube. Nossa torcida é muito focada nessa competição. E ela sai coroadada aqui (a entrevista foi realizada nos corredores do Morumbi após a final). O São Paulo tem uma equipe forte. É muito competitivo. Vamos em frente.”

O ponto de vista do dirigente é compartilhado pelo jornalista Roberto Petri, um dos maiores conhecedores da história do futebol sul-americano. “O São Paulo voltou por cima. A equipe mostrou raça, valentia e técnica. Dos brasileiros, é o clube que

mais se interessou pela Libertadores. O Tricolor mostrou como se ganha, e acredito que ainda ganhe outras”.

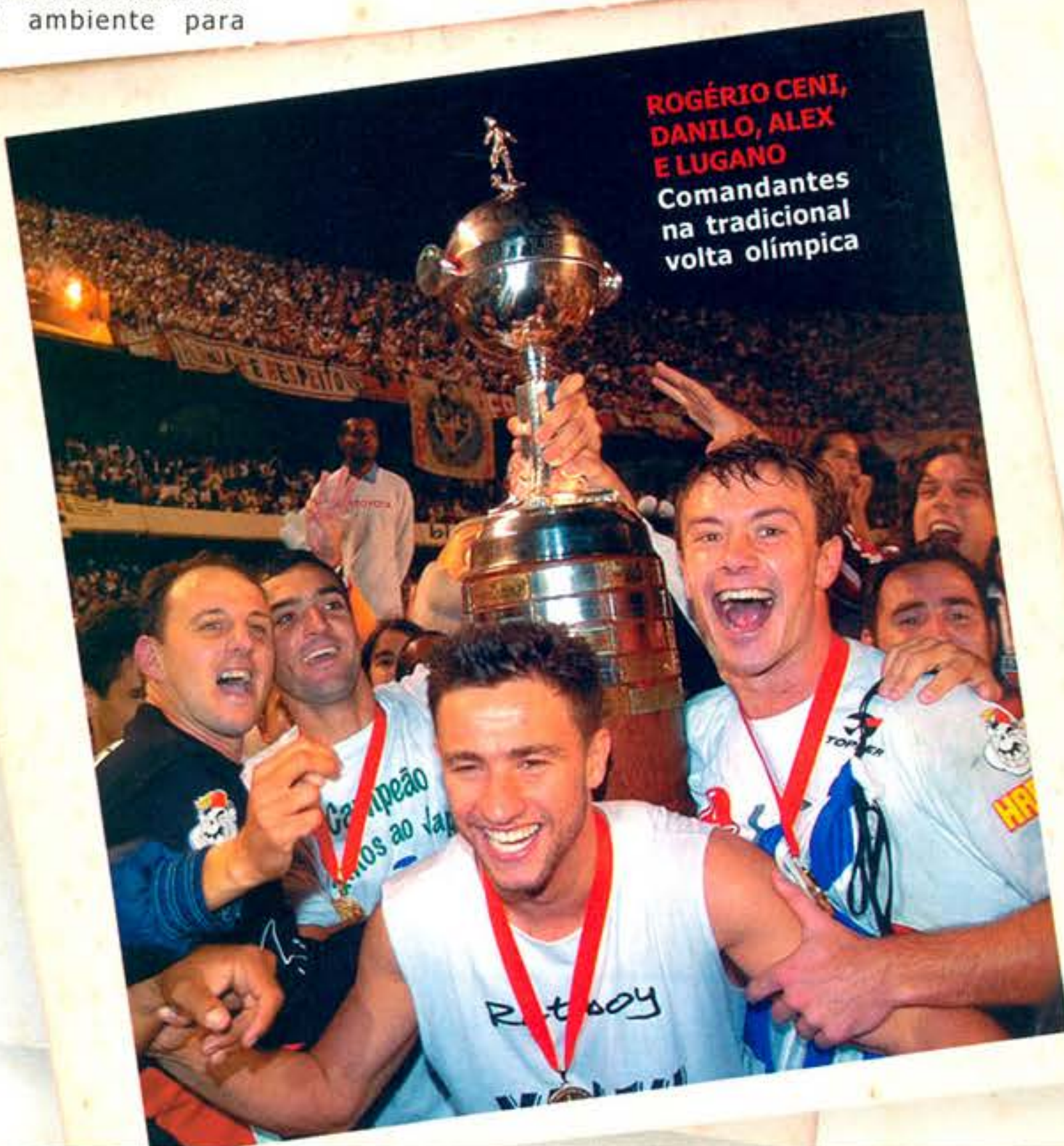
O dia 14 de julho de 2005 já está na memória de todos como aquele em que o São Paulo Futebol Clube entrou para a história do futebol mundial como a primeira equipe brasileira a conquistar por três vezes o principal torneio interclubes do continente americano. Como disse Laudo Natel, ex-governador do Estado de São Paulo e ex-presidente do clube, “depois de ter se sagrado campeão paulista, brasileiro, sul-americano e mundial, não restam ao Tricolor mais títulos a conquistar. Restam títulos a se repetir”.

pessoal da informática etc. que trabalharam de maneira integrada para um objetivo único, a conquista desse título.”

Na sala de imprensa, o lateral-esquerdo Júnior declarava-se orgulhoso por fazer parte do grupo. “Entramos para a história. Somos o primeiro clube brasileiro a conquistar o tricampeonato da Libertadores.” Em uma das mais animadas entrevistas coletivas já realizadas no Morumbi, Rogério Ceni destacou o significado especial que esse troféu representava para a carreira dele. “Pude viver os dois títulos de 92 e 93 em outra situação e também aquela derrota triste de 94. Hoje, a gente resgata a história do São Paulo e o recoloca no lugar merecido pela grandeza que ele representa. O torcedor são-paulino lava a alma e o coração com essa vitória.”

Sempre transparecendo tranquilidade, o técnico Paulo Autuori não deixou de

ressaltar o legado de seus antecessores. “É importante reconhecer o trabalho de Cuca e Leão. Sinto-me grato pela oportunidade que o São Paulo me ofereceu. Como profissional, é um privilégio poder estar num clube dessa excelência. É fundamental ter um bom ambiente para



**ROGÉRIO CENI,
DANILO, ALEX
E LUGANO**
Comandantes
na tradicional
volta olímpica

“Apesar do resultado elástico para uma final, fizemos por merecê-lo” CICINHO

Visão de craque

TATYANA ALVES



Um dois ídolos mais queridos do São Paulo Futebol Clube, RAÍ mostra sua faceta de comentarista esportivo ao fazer um balanço do tricampeonato

Por Alessandro Gonçalves

Raí trabalhou durante toda a campanha do São Paulo Futebol Clube na Libertadores. Mas engana-se quem pensa que ele não teve tempo para assistir ao Tricolor em ação. Ao contrário. Na condição de comentarista esportivo da rádio CBN, esteve presente a quase todos os jogos do time. Não compareceu apenas à final, já que, em 13 de julho, embarcou para a Europa, onde participou, em 14 de julho, dia da esperada decisão, das festividades do Ano do Brasil na França a convite do presidente daquele país e do prefeito de Paris, cidade em que também é ídolo de uma torcida: a do Paris Saint Germain. Apesar dos muitos compromissos profissionais – além de fazer parte da crônica esportiva, administra sua empresa, a V.O.10, e cuida da instituição Gol de Letra (www.goldeletra.org.br), voltada a crianças e adolescentes carentes –, Raí reservou alguns minutos na agenda para atender, com a simpatia de sempre, a reportagem da **Revista Oficial**. O assunto? Não poderia ser outro: a conquista da América.

Muita gente falou que a Libertadores foi fácil para o São Paulo porque o nível dos times caiu bastante.

Concorda com esse ponto de vista?

Não. Tanto que, nos últimos anos, os times brasileiros não ganharam. A dificuldade existe para todos os times da América do Sul porque a Libertadores continua sendo um torneio muito disputado e difícil de ganhar.

Como era na sua época?

O que era mais difícil era chegar à Libertadores. No começo, era um representante por país. Depois esse número subiu para dois. Na minha época, era preciso ser campeão ou vice do Brasileiro para ter a oportunidade de jogar a Libertadores. Hoje, se um time mantém certa regularidade, todo ano está disputando. Assim, tem mais oportunidade de ganhar. Mas a dificuldade é a mesma.

Que outros fatores foram modificados por conta dessa grande quantidade de participantes?

O lado bom que existe a chance de jogar quase todos os anos a Libertadores. O ruim é que, se há muitos times, às vezes, corre-se o risco de jogar contra equipes cujo futebol não é conhecido. Dessa maneira, pode-se tropeçar diante delas. É diferente. A dificuldade, porém, é parecida.

O Once Caldas é um bom exemplo disso.

Exatamente. Pouca gente conhecia. Ninguém apostava muito. Mas, como tinha uma boa defesa, acabou surpreendendo.

O tricampeonato lhe trouxe recordações de seus tempos de glória com a camisa tricolor, principalmente em termos de Libertadores?

Acompanhei vários jogos do São Paulo, principalmente no Morumbi. E, é claro, que trouxe boas recordações. Acredito que existe um ambiente diferente no Morumbi nas partidas da Libertadores. É saudável. Não tem violência. Tem muita família. Há muita mulher na torcida. É um clima muito especial. E isso faz lembrar nossas conquistas.

Como comentarista, você terminou estando presente a muitos jogos. Certo?

Sim. Apenas não tive chance de ir à final, pois tinha um compromisso na França. Mas fui para a Argentina acompanhar o jogo contra o River. Fui também ao primeiro da final, em Porto Alegre. Para mim, foi meio trabalho e meio prazer (*risos*). Estar com o São Paulo em final ou semifinal de Libertadores é algo especial.

Foi contra o River Plate que realmente o São Paulo mostrou cara de campeão?

Ali o São Paulo provou que estava mais do que maduro para ser campeão. A partida no Morumbi tinha sido extremamente difícil no primeiro tempo. Mas, no segundo, a equipe jogou muito. E a maneira como se comportou, desde o primeiro minuto, na Argentina demonstrou que o time estava credenciado para conquistar o título.

Alguns de seus companheiros da crônica esportiva enxergaram em Danilo parte de suas características. Você observou isso também?

É um jogador técnico que tem uma estatura muito parecida com a minha, apesar de ser um pouco mais baixo. Embora ele bata muito bem com a canhoto, o que não é o meu caso, tem algumas semelhanças, sim. É inteligente e bom no quesito assistência. Mas acho que esses comentários surgiram também pela posição e a maneira técnica como ele joga.

O fato de o São Paulo ainda não ter conseguido resultados



RUBENS CHIRI

positivos no Brasileiro é reflexo da comemoração da Libertadores?

Não acompanhei esses últimos jogos do time no Brasileiro. Por isso, não dá para falar com certeza. Mas existe uma acomodação natural que deve ser evitada. E também acredito que o São Paulo ganhou a Libertadores porque estava muito concentrado nisso. Não estava poupando nenhum esforço. Jogou no limite máximo. Acredito que, quando se ganha campeonato, o jogador se sinta mais aliviado. Acha que já cumpriu boa parte de seu papel na temporada. Tende a baixar. Como hoje o futebol em todos os lugares é muito equilibrado, a mínima queda de atenção ou concentração pode comprometer o rendimento. Na minha época, também teve. Mas não dessa forma. Jogávamos juntos havia uns três anos. Estávamos muito entrosados. Aquele time atingiu um nível raro, tanto que é que marcou época no futebol brasileiro.

Preparação Física

SUANDO
Fabão durante
sessão de
treinos físicos

Fôlego e for

Com a conquista da Libertadores, o São Paulo mostrou que, no futebol moderno, além de organização e disciplina, é preciso ter equilíbrio entre qualidade técnica e preparo físico

Por Rafael Furugen

Uma competição de atletismo reúne os melhores nomes de cada atividade. Na prova de 100 metros, homens correm tão rapidamente quanto felinos que perseguem suas caças nas savanas africanas. No salto em altura, os esportistas parecem possuir uma mola sob cada pé, tamanha a impulsão que conseguem atingir. Na maratona, a resistência dos corredores é colocada à prova. Por último, a competição de arremesso de peso demonstra a técnica aliada à força que um atleta deve possuir para conseguir um resultado positivo. Nela, por causa da naturalidade do esportista, o público pode achar que a tarefa foi realizada da forma mais simples. Por trás dela, entretanto, houve uma série de dificuldades a ser superada.

O mais curioso é que essas habilidades podem, sim, ser observadas no futebol. No gramado, os jogadores desempenham funções parecidas com as dos atletas das pistas. Os corredores dos 100 metros podem ser comparados aos atacantes, que, de maneira veloz, avançam para o gol em busca de seu objetivo. É a linha de chegada deles. Os maratonistas lembram os laterais e os volantes, que percorrem o campo inteiro numa exibição de pura resistência. Os saltadores se assemelham aos zagueiros, que, altos, fortes e atentos a qualquer perigo, sobem o máximo que podem para afastar a bola de sua área. Muitos deles cabeceiam tão bem que, nos escanteios, vão tentar a sorte. Os arremessadores, por último, remetem aos meias. Apesar de usarem membros diferentes — já que os primeiros usam as mãos e os segundos, os pés —, ambos têm a obrigação de caprichar nos lançamentos.

Assim como no atletismo, para conseguir um excelente resultado no futebol é preciso reunir técnica e poder físico, fator sem o qual seria impossível almejar qualquer conquista. Essa aliança foi um dos segredos para a campanha vitoriosa do São Paulo Futebol Clube na Copa Liber-

tadores da América de 2005. Onde jogou, o time do Morumbi exibiu técnica refinada, principalmente na final contra o Atlético-PR, e resistência invejável, como na partida realizada frente ao The Strongest a 3.600 metros de altitude.

A comissão técnica teve muito trabalho na preparação do time para as três competições disputadas no primeiro semestre. A Copa Libertadores da América, porém, foi a prioridade. O objetivo foi traçado no final do Brasileiro do ano passado, campeonato em que o São Paulo obteve o terceiro lugar, posição que lhe assegurou vaga

no torneio mais importante do continente. O Paulista e o nacional de 2005 foram deixados para segundo plano. Mas, além de os certames conflitarem entre si, outros fatores atrapalharam os planos do Tricolor. As longas férias que os jogadores tiveram, merecidas, é verdade, e a desorganização do calendário do futebol brasileiro representaram barreiras nessa jornada.

A preparação física dos atletas começou apenas cinco dias antes do Paulista, primeiro torneio do ano. A equipe terminou utilizando as partidas do estadual para preparar-se. "Usamos as dez primeiras rodadas como se fosse uma pré-temporada", explica Carlinhos Neves, preparador físico.

Mesmo na fase inicial, o São Paulo mostrou-se bem-preparado, pois ficou invicto até a 15ª rodada. Entre esses adversários, o Tricolor venceu os seus principais rivais: Palmeiras e Corinthians. Mas as

NOS PRIMÓRDIOS

Um dos grandes fatores que ajudaram o São Paulo na conquista da Copa Libertadores da América foi o excelente desempenho físico que os atletas apresentaram. Diga-se de passagem, essa parte é uma das que mais evoluíram nas últimas décadas, já que todos passaram a ter ciência da importância dela para o sucesso de uma equipe.

As primeiras histórias sobre preparação física no País são do começo do século passado, mais precisamente de 1904. Naquela época, o que mais preocupava era a força e não a velocidade. Por isso, eram empregados alguns métodos não tão convencionais para os dias de hoje, como luta romana e ginástica alemã. Além disso, também havia treinamentos de corrida, com distâncias variando de 100 a 800 metros, e levantamento de halteres.

A Copa do Mundo de 1954, realizada na Suíça, apresentou uma novidade. Era a primeira vez em que times de futebol contavam com o auxílio de um preparador físico. Na seleção brasileira, porém, esse profissional foi incorporado à comissão apenas quatro anos mais tarde. A conquista do primeiro campeonato mundial foi tão positiva que os clubes começaram a investir na figura desse novo funcionário.

Os preparadores físicos da época eram bem diferentes dos atuais. Havia um estereótipo a ser seguido. Precisavam ser fortes, com hábitos rudes e deveriam exigir o máximo dos jogadores. Por conta do perfil exigido, era frequente a presença de um militar em clubes de futebol. Essa fase durou muitos anos. Até que acabou gerando conflitos entre atletas e preparadores.

O fracasso brasileiro na Copa de 1966 escancarou algumas deficiências, como a inexperience de seu preparador físico, que nunca tinha trabalhado com futebol. Havia a necessidade urgente de mudanças. A competição daquele ano também revelou a grande importância do desempenho físico. A Inglaterra, equipe campeã, possuía uma tática que visava à marcação homem a homem. Dessa forma, o condicionamento tornou-se fator primordial para aquela conquista. Nessa época, alguns profissionais brasileiros foram para a Europa a fim de se especializarem sobre o tema.

A atualização no exterior foi benéfica para a conquista da Copa do México, em 1970. Mesmo assim, poucos clubes usavam dos serviços de um preparador físico. Foi ainda nessa década que os estudos nessa área começaram a se aprofundar.

Atualmente, o aspecto científico da preparação física está muito desenvolvido. Os profissionais da área utilizam computadores e outros equipamentos para poderem avaliar da melhor maneira o desempenho de atletas.



ga

Preparação Física

dificuldades surgiram. Alguns jogadores sofreram desgastes nas partidas e sentiram a falta de ritmo nos treinos.

O primeiro desafio para a equipe tricolor na Libertadores veio em dobro. Não bastasse enfrentar o entrosado time do The Strongest, os são-paulinos deveriam lidar com outro adversário: a temida altitude da cidade de La Paz. Para driblar as dificuldades com o ar rarefeito, a comissão técnica preparou um esquema especial. O São Paulo embarcou para a cidade de Santa Cruz de la Sierra, indo para o local da partida apenas horas antes de começar. "Tínhamos um conhecimento, pois já havíamos jogado nessas condições", revela Neves.

A experiência foi aprovada. Apesar do empate por 3 a 3, a equipe não sofreu com os efeitos da altitude. A principal dificuldade foi a velocidade da bola. Do elenco, Rogério Ceni foi quem mais se preocu-

pou com esse fator. "Fizemos um breve reconhecimento antes do jogo começar. Durante a partida, ele se saiu muito bem", explicou Haroldo Lamounier, preparador de goleiros.

Outro desafio foi conciliar os certames disputados paralelamente. No Paulistão, nenhum atleta foi poupado. Todos necessitavam de ritmo de jogo. Esse foi o caminho encontrado pela comissão técnica para o time compensar a curta pré-temporada. O resultado foi bastante positivo. Afinal, o São Paulo atropelou quase todos os adversários e conquistou o título estadual com duas rodadas de antecedência.

A situação no Brasileiro, porém, foi bem diferente. Enquanto jogava a fase final da Libertadores, a equipe principal foi poupada. Mais uma vez, o plano surtiu o efeito desejado. O Tricolor mostrou disposição invejável dentro de campo



MAIS COMPETIÇÕES, MAIS TRABALHO

O São Paulo pode estar bem perto de conquistar seu terceiro título mundial. A competição, que será realizada em dezembro no Japão, contará com seis representantes. Participarão do torneio os campeões continentais. Com a conquista da Libertadores, o time do Morumbi já garantiu vaga, assim como os costa-riquenhos do Saprissa, campeões da CONCACAF (Confederation of North, Central America and Caribbean Association Football – Confederação do Norte, América Central e Associação de Futebol do Caribe), os ingleses do Liverpool, atuais vencedores da UEFA Champions League, e os australianos do Sydney, que conquistaram o caneco da Oceania. Ainda não foram conhecidos os participantes da África e Ásia. Eles serão definidos somente em novembro.

Apesar de ocorrer apenas no final do ano, a comissão técnica tricolor está se apressando para deixar o time pronto para a competição. No final da Libertadores, os atletas atingiram o auge físico. Agora, a nova tarefa da equipe de preparação é analisar as condições do elenco e definir planos visando aos campeonatos do segundo semestre, que não são poucos: segundo turno do Brasileiro, Copa Sul-Americana e Mundial.

As avaliações já começaram. Recentemente, foram feitos testes de resistência e musculatura. Ainda serão realizadas análises de força, potência e velocidade. "Queremos reestruturar a carga de cada atleta e corrigir uma possível deficiência", diz Carlinhos Neves, preparador físico.

CURIOSIDADE

CONFIRA AS DISTÂNCIAS PERCORRIDAS PELOS ATLETAS

Atacantes

- Total: 8.199 metros
- Trote: 3.323 metros
- Andar: 3.639 metros
- Pique: 633 metros

Zagueiros

- Total: 8.805 metros
- Trote: 3.755 metros
- Andar: 3.642 metros
- Pique: 420 metros

Meias

- Total: 9.918 metros
- Trote: 5.434 metros
- Andar: 3.288 metros
- Pique: 376 metros

Laterais

- Total: 9.685 metros
- Trote: 4.537 metros
- Andar: 3.561 metros
- Pique: 620 metros

Volantes

- Total: 9.498 metros
- Trote: 4.492 metros
- Andar: 3.388 metros
- Pique: 531 metros



ESTRUTURA
Ótima
aparelhagem
para suprir
as necessidades
dos atletas

e conquistou o título.

Pelo fato de ser muito disputada, pois todos os participantes brigam pelo troféu com disposição que às vezes beira a violência, a Libertadores é encarada com cautela por atletas. Mas a catimba de alguns clubes sul-americanos, tão conhecida mundialmente, não foi problema. O único cuidado foi treinar o elenco sem se esquecer de princípios fundamentais, como repouso e recuperação. "Não há nenhuma precaução contra jogadas violentas. Um time bem-treinado como o nosso, consegue escapar de vários lances perigosos", afirmou

Marco Aurélio Cunha, médico e superintendente de futebol.

Apesar de toda a atenção, Grafite acabou se machucando. A contusão aconteceu no primeiro jogo contra o Palmeiras, pelas oitavas-de-final. E, por isso, o atleta teve de ser submetido a uma cirurgia no joelho. A previsão para o retorno do jogador é janeiro de 2006. Mas existem esperanças de que ele possa atuar no Mundial Interclubes, em dezembro.

Na busca pelos títulos, o treinamento foi fundamental. Ao lado dele, outro fator foi essencial no desempenho do time: a

alimentação. O São Paulo Futebol Clube conta com uma equipe especializada que cuida dessa área. "Geralmente, são servidos legumes, verduras, dois tipos de carboidratos, arroz, feijão, um tipo de carne e frutas", diz a nutricionista Cristina Soares. Atletas que querem ganhar massa podem recorrer a suplementos alimentares. Afora a dieta balanceada, isotônicos, durante treinos e jogos, ficam à disposição à beira do campo. Eles auxiliam na reposição da energia gasta. "É a forma mais rápida de conseguir isso", explica Wellington Valquer, analista de desempenho.

Crônicas



Paulo Planet

Membro vitalício do Conselho Deliberativo,
do qual foi presidente duas vezes



Morumtri!

Nenhum clube do futebol brasileiro jamais havia conquistado a glória agora integrando a vida e a história do nosso glorioso São Paulo FC! O tricampeonato da Libertadores da América, o mais importante e tradicional torneio do continente americano, aqui se entendendo, portanto, as Américas do Norte, Central e do Sul! E eis-nos uma vez mais vitoriosos, depois de uma campanha onde sempre pontificou a qualidade do nosso futebol, o comportamento dos nossos atletas e, claro, o generoso e importante esforço dos nossos máximos dirigentes, o Presidente Marcelo Figueiredo Portugal Gouvêa e o Diretor de Futebol Juvenal Juvêncio, sem esquecer, por necessário, todos os demais que, de uma forma ou de outra, igualmente colaboraram para que essa epopéia fosse escrita e jamais esquecida. Não nos esquecendo, fazendo justiça, da nossa torcida, dos nossos sócios, que nunca faltaram sempre lotando os estádios onde jogamos para que os nossos jogadores pudessem, sempre, sentir a força do seu entusiasmo. Uma união que se fez

presente do princípio ao fim do aludido torneio, que agora comemoramos com a alegria imensa de uma conquista inesquecível, que nos levará, com o mesmo ímpeto, alma e desejo, às batalhas para a conquista do título de campeões do mundo!

E o São Paulo, o nosso São Paulo, esse colosso de cimento armado, de conquistas maravilhosas tanto no âmbito do futebol, nosso maior escopo, como nas nossas atividades amadoras, que concede, que proporciona, aos seus sócios e torcedores, a satisfação incomum de passarmos a ser não mais, apenas, o Morumbi, mas em realidade, sofisticando a reflexão, o Morumtri! Tricampeão da Libertadores das Américas, título inédito na história dessa importante competição, agora integrando a nossa história para todo o sempre! E os clubes europeu, africano e asiático, pois agora a competição pelo título de campeão do mundo se ampliou, que se cuidem, pois temos muito interesse em repetir os feitos das duas outras conquistas nos campos de Tóquio!

Alugue um carro na Transnet



Centro tel. (11) 3259-6744
Higienópolis tel. (11) 3823-2401
Paulista tel. (11) 3284-1311

São José dos Campos tel. (12) 3943-3061
Rio de Janeiro tel. (21) 2559-9600
Central de Atendimento tel. (11) 3751-9595

transnet
rent a car

www.transnetcar.com.br

Anatomia do campeão

Optando por um esquema tático que não é unanimidade no futebol moderno, o **3-5-2**, o Tricolor conquistou a América mostrando um futebol alegre e eficiente

Por Alzenir Carrasco

ATAQUE

Grafite foi a referência do ataque tricolor no início da competição. Suas arrancadas em direção ao gol sempre deixaram em polvorosa as defesas adversárias. Mas uma séria contusão no joelho direito terminou afastando o atacante do restante do torneio. Contratado para substituí-lo, Amoroso veio na fogueira. Provou, porém, o porquê de seu refinado futebol ter sido tão disputado por equipes européias nos últimos anos. Com o parceiro Luizão, reviveu a dupla infernal do Guarani do início dos anos 90. Foram quatro partidas, dois gols e um título. Nada mal para quem foi integrado ao grupo algumas horas antes da primeira partida semifinal. Por falar em Luizão, o matador acumulou 29 gols em todas as edições de que participou de Libertadores, tornando-se o maior artilheiro brasileiro na história do certame. Na temporada 2005, com a camisa do São Paulo, deixou sua marca cinco vezes, dividindo, assim, a liderança dos gols são-paulinos com Rogério Ceni. Combativo, Luizão é daqueles jogadores incansáveis. Sua raça e seu oportunismo foram decisivos nos últimos jogos.



Amoroso



Luizão

ILUSTRAÇÕES CELSO ANDRADE

BANCO DE RESERVAS

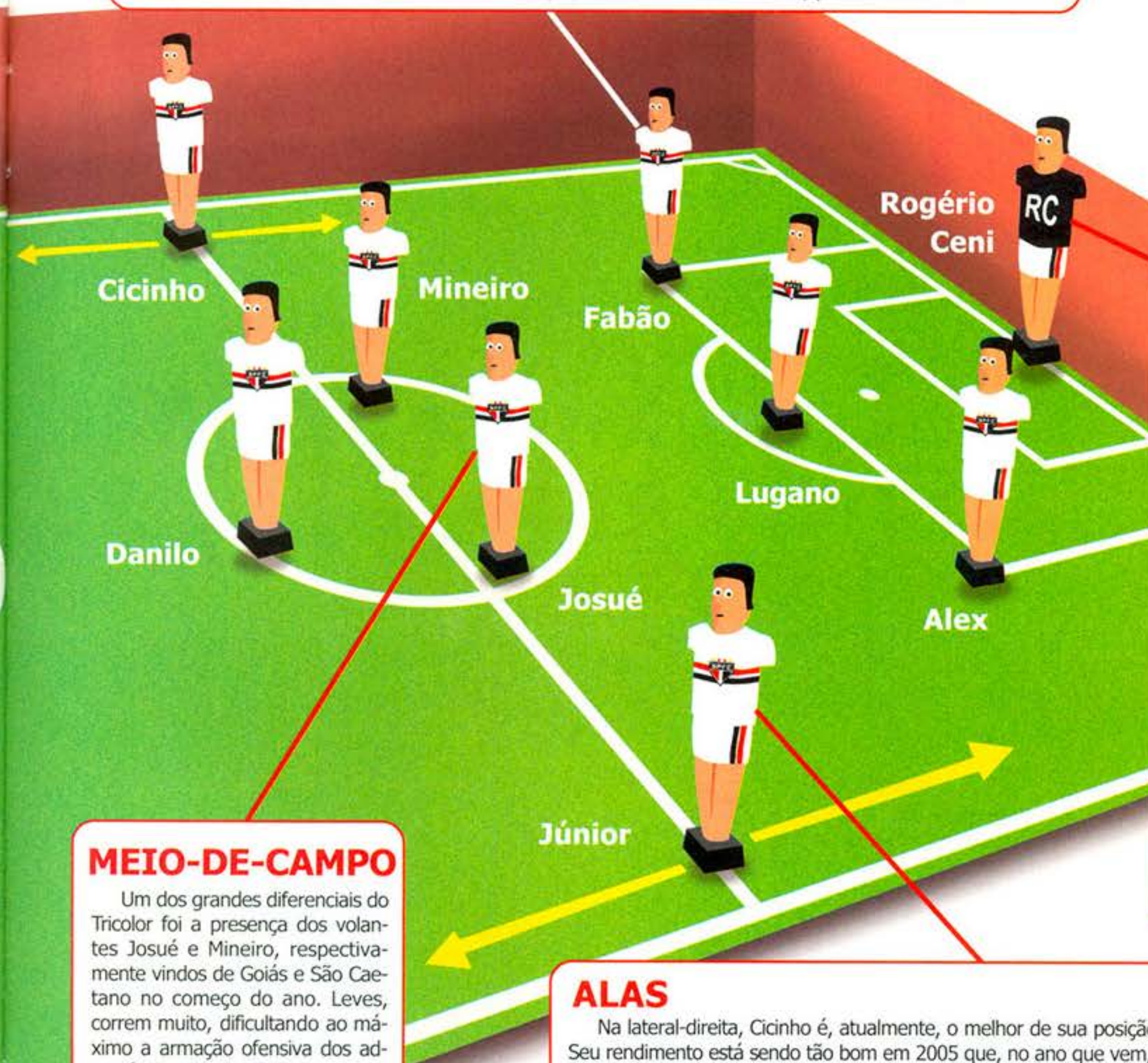
No banco de reservas, ficaram sempre à disposição de Autuori boas peças de reposição para todos os setores, como os volantes Renan e Alê. Para o ataque, Diego Tardelli, autor do último tento da goleada sobre o Atlético-PR, além de Souza, ponta-de-lança que, quando Cícinho foi defender a seleção brasileira, chegou a atuar improvisado na ala-direita, mostrando velocidade e eficiência. Atuaram ainda Roger, atacante vindo da Ponte Preta; Marco Antonio, meio-campista revelado pelo próprio São Paulo; o zagueiro Flávio, o lateral Michel, o atacante Jean (que foi para o São Caetano), o meia Falcão (astro do futsal que retornou às quadras) e o volante Daniel Rossi.

ZAGA

No lado direito da zaga, uma combinação de raça e seriedade fazem de Fabão um dos defensores mais seguros do Brasil na atualidade. Frequentemente, aparece no ataque como homem-surpresa. Por duas oportunidades nessa Libertadores, marcou tentos fundamentais. Uma vez contra o River Plate, em Buenos Aires, quando liquidou a fatura ao marcar o terceiro do Tricolor na semifinal; e outra em que, de cabeça, na final diante do Atlético-PR, aproveitando um escanteio, balançou as redes.

Por falar em garra, Diego Alfredo Lugano Moreno é a personificação dela. A princípio, olhado com certa desconfiança pela imprensa, Lugano caiu nas graças da torcida por causa de sua indisfarçável gana de vencer. Atua na sobra, fazendo a cobertura dos dois outros zagueiros. A terceira vaga da defesa foi dividida entre Edcarlos, jovem talento surgido das categorias de base, que disputou oito partidas; e Alex, revelação do Santo André campeão da Copa do Brasil 2004, que, com Autuori no comando, pôde mostrar seu futebol.

Estratégico



NO GOL

"Toda grande equipe começa com um grande goleiro", diz a máxima. Mas Rogério Ceni transcende, e muito, essa teoria. Se embaixo das traves mostra técnica invejável, o que dizer de suas magistrais cobranças de falta? Até o fechamento desta edição, foram 13 gols na temporada 2005, sendo cinco na Libertadores, o que o credencia como artilheiro do time no torneio. Entre outras qualidades do arqueiro, suas reposições de bola merecem destaque. Além disso, tem espírito de liderança e identificação total com o clube e a torcida. Tais fatores são alguns dos principais que formam a personalidade de um dos maiores ídolos da história tricolor.

MEIO-DE-CAMPO

Um dos grandes diferenciais do Tricolor foi a presença dos volantes Josué e Mineiro, respectivamente vindos de Goiás e São Caetano no começo do ano. Leves, correm muito, dificultando ao máximo a armação ofensiva dos adversários, pois desarmam sem cometer faltas. Como possuem qualidade no passe, constantemente servem ao ataque. Jogando no Brasil, formam a melhor dupla de volantes.

Criticado por alguns, Danilo provou seu valor nas partidas decisivas da Libertadores. Além da habilidade e da visão de jogo, características fundamentais para um atleta de sua posição, fez gols nos momentos cruciais nessa vitoriosa campanha. Entre eles, os dois sobre o River Plate: o primeiro na vitória em casa por 2 a 0 e o que abriu caminho para o fantástico triunfo em Buenos Aires por 3 a 2.

ALAS

Na lateral-direita, Cicinho é, atualmente, o melhor de sua posição no futebol brasileiro. Seu rendimento está sendo tão bom em 2005 que, no ano que vem, tem boas chances de ir à Copa da Alemanha. Graças ao esquema 3-5-2, que o desobriga de dedicar-se muito às funções defensivas, transformou-se em peça fundamental do time comandado por Autuori. É veloz, habilidoso e, além de tudo, chuta bem. Constantemente, chega à linha de fundo com perigo. Se pela direita Cicinho está voando baixo, pela esquerda Júnior definitivamente reencontrou o futebol que o levou a disputar a Copa do Mundo de 2002 com a seleção brasileira. O lateral auxilia tanto na marcação quanto na armação. Entrando em diagonal pelo ataque, é capaz de executar passes extraordinários. Apesar de ser um veterano, seu fôlego impressiona. Júnior corre o tempo todo e é muito voluntarioso.

O COMANDANTE

Estudioso do futebol, Paulo Autuori não é só um excelente estrategista, o que já provou nas inúmeras equipes que dirigiu. O atual técnico do Tricolor mostra-se um grande conhecedor dos aspectos psicológicos dos atletas. Soube unir o grupo em torno de um objetivo comum e valorizar o trabalho de seus antecessores, Leão e Cuca. Sempre faz questão de estudar minuciosamente as características adversárias para instruir seu elenco, além de fazer preleções muito comentadas por seus comandados.

Em 1968, o genial João Saldanha, ao ser convidado para prefaciocar o livro *Na Boca do Túnel*, um verdadeiro tratado sobre os esquemas táticos aplicados no futebol da época, escreveu: "Do WM surgiram, sem exceção, todos os sistemas de jogo postos em prática hoje. O 4-2-4, o 4-3-3 e o 5-2-3, entre outros. Sistemas estes que foram aparecendo em virtude da luta travada entre a marcação e a necessidade de se desmarcar".

Quase 40 anos depois, esquemas tão em voga na época de Saldanha, como o 4-2-4, estão extintos. Em virtude de fatores como a constante evolução da parte física dos atletas, os espaços diminuíram drasticamente por conta da maior velocidade de deslocação dos jogadores. Formações consideradas revolucionárias em seus tempos, como o famoso Carrossel Holandês de 74, fatalmente fracassariam nos dias atuais por causa da evolução dinâmica da estratégia do jogo, em que novidades táticas são reduzidas a objetos de estudo de historiadores em poucos meses.

O velho mestre do Jornalismo Esportivo, porém, continua com a razão ao definir o mais popular esporte do planeta como uma luta travada entre a marcação e a necessidade de se desmarcar. O São Paulo tricampeão da Libertadores de 2005 não apresentou em campo uma disposição inédita. Diga-se de passagem, o 3-5-2 adotado pelo Tricolor deixou de ser novidade há algumas décadas. Para que se tenha uma idéia, em 1989 a seleção brasileira dirigida por Sebastião Lazaroni sagrou-se campeã da Copa América jogando com três zagueiros. Teoricamente,

essa formação daria mais consistência à defesa, liberando os laterais (*chamados de alas*) para apoiarem o ataque com mais liberdade.

Um ano depois, na Copa do Mundo de 90, disputada na Itália, atuando da mesma maneira, o plantel nacional foi desclassificado melancolicamente pela Argentina nas oitavas-de-final. Enquanto o País inteiro crucificava o técnico pela frustrada participação, muitos analistas esportivos argumentavam que os atletas brasileiros nunca se adaptariam ao 3-5-2.

QUESTÃO DE NECESSIDADE

Nove anos mais tarde, o treinador Paulo César Carpegiani montou o São Paulo seguindo o que fora feito no Brasil de 90. Bastaram alguns jogos para Levir Culpi, seu sucessor, realinhar a equipe em campo no bom e velho 4-4-2, implementado por Telê Santana no início dos anos 90. Mas a formação com três zagueiros voltaria em 2001 com Oswaldo Alvarez. Nessa disposição, o Tricolor obteve seu primeiro título do torneio Rio-São Paulo. A vitória sobre o Botafogo por 2 a 1, porém, numa magistral atuação de Kaká, que substituiu Fabiano no segundo tempo, não foi suficiente para diminuir a desconfiança sobre o 3-5-2, haja vista que, na partida seguinte à da conquista, Vadão (*como é conhecido o ex-técnico do São Paulo*) optou



por colocar em campo, contra o Palmeiras, em jogo válido pelo Campeonato Paulista daquele ano, uma equipe com quatro defensores.

De qualquer forma, por causa da frustrada experiência de 1990, muitos torcedores sentiam um calafrio ao constatar que Luiz Felipe Scolari optara pelo 3-5-2 para disputar a Copa de 2002, na Ásia. Apesar do sucesso nos gramados do Japão e da Coreia, o esquema adotado por Felipão caiu em desuso na Europa, curiosamente onde foi criado. O São Paulo de 2004 comandado por Cuca atuava tanto no 4-4-2 quanto no 3-5-2. O técnico usava os esquemas de acordo com a disposição dos adversários. Leão também não era muito partidário do 3-5-2. Mas terminou

optando por ele porque, com Rodrigo, Fabão e Lugano fechando a retaguarda, a equipe mostrava um excelente desempenho defensivo.

Curioso é que, mesmo dado como superado por muitos analistas, o esquema 3-5-2 ressurgiu no Brasil com força total. Paulo Autuori, atual técnico tricolor, não esconde que essa formação não é uma de suas prediletas. "A equipe já vinha numa rotina de jogar assim. Uma coisa é o que eu gosto. Outra é a necessidade. Isso não quer dizer que não podemos testar outras opções", explica o atual técnico. Assim como Cuca, Autuori arma a equipe em função do que precisa diante de um ou outro adversário, revelando-se um estrategista.

Apesar de ter utilizado o 3-5-2, Paulo Autuori não esconde a preferência pelo 4-4-2, esquema que considera mais ofensivo



REGINALDO CASTRO

Torcedor visionário

O sócio-torcedor ROCK VIANNA veio dos Estados Unidos para acompanhar a final da Libertadores e terminou se revelando ótimo profeta: "Será 4 a 0. Não tem como perder", dizia antes da decisão

Por Rafael Furugen

Alguns fatos não podem ser explicados pela ciência. A relação da maior parte dos brasileiros com o futebol é um exemplo disso. A paixão por esse esporte é tão intensa e fascinante que torcedores superam qualquer tipo de barreira para acompanhar o time do coração.

Rock Vianna, de 32 anos, é um são-paulino cujo caso pode ilustrar muito bem essa situação. Mais do que um apaixonado pelo clube, o brasileiro, que se tornou capitão do exército americano, já enfrentou tarefas muito difíceis, como a missão "Iraq Freedom" (libertação do Iraque), mas nenhuma supera as explicações que teve de dar aos amigos americanos sobre a licença que pediu aos seus superiores para vir ao Brasil apenas para acompanhar o Tricolor ser tricampeão da Libertadores da América. "Falei que vinha visitar minha família. Mas, na verdade, só vim acompanhar o jogo", explica.

Antes de conquistar o título, o

torcedor já anunciava o placar. "Será 4 a 0. Não tem como perder", dizia empolgado. Como um profeta, Vianna acertou o resultado e pôde comemorar de perto a vitória do São Paulo. "Foi muito bom. Inesquecível. Nunca mais vai ter uma decisão igual a essa", afirmou o capitão.

Vianna morou no Brasil até os 16 anos. O São Paulo virou paixão quando ele ainda era garoto. "Meu avô era conselheiro do clube e, desde pequeno, me incentivou a torcer pelo Tricolor", conta. Foi para os Estados Unidos com a mãe e o padrasto. Nas terras do Tio Sam, estudou hotelaria e depois entrou para o Reserve Officers Training Corps, equivalente ao Centro de Preparação de Oficiais da Reserva. Lá, abdicou da nacionalidade brasileira e italiana, que possuía por conta de seus ascendentes, e tornou-se americano. Também mudou a grafia de seu nome. Passou-a de Roque para Rock.

Longe do Brasil, o capitão procura acompanhar as partidas pela internet. Quando não está em casa,

na cidade de Atlanta, usa a criatividade. "Procuro saber os resultados dos jogos ligando para meus primos no Brasil", conta. Nos dias de folga, desfila pelo acampamento com trajes tricolores. "Passo o dia inteiro com a camisa. É para dar sorte."

A paixão pelo clube levou Vianna a tornar-se sócio-torcedor. "Recebo a revista oficial que informa tudo que está acontecendo com meu time. Além disso, tenho desconto nas lojas do São Paulo e consigo comprar ingressos, como esse para a final da Libertadores", revela as vantagens.

O material costuma ser enviado para a casa de sua mãe. Depois, ela repassa para o filho. "Às vezes, estou em missões. Por isso, prefiro que ela receba e guarde para mim", diz.

O grande ídolo do torcedor é o uruguaio Diego Lugano. "Ele é um guerreiro", diz. Afora o zagueiro, outro destaque para Vianna é o atacante Amoroso. "Ele começou bem. Ainda vai dar muitas alegrias para a torcida", prevê.

**PRINCIPAIS TÍTULOS
COM O SÃO PAULO**

Campeonato Brasileiro:
1986, 1991

Campeonato Paulista: 1987,
1989, 1991, 1992

Copa Libertadores:
1992, 1993

Bicampeão Mundial Interclubes:
1992, 1993

Recopa: 1993

Supercopa Libertadores:
1993

O ex-zagueiro
atualmente...

Intellectual da Zaga

Líder nato, o ex-quarto-zagueiro **Ronaldão** foi peça fundamental na fantástica equipe dirigida por Telê Santana no início dos anos 90

CLUBES

1985: **Rio Preto (SP)**
20/02/1986 - 01/04/1994:
São Paulo FC
04/1994 - 1995: **Shimizu S-Pulse - Japão**
1996: **Flamengo (RJ)**
1997: 1998: **Santos FC (SP)**
1998: 2002: **Ponte Preta (SP)**

Por **Guilherme Almeida/**
Adriana Natali

A imagem ficará gravada para sempre na história do clube. A nação tricolor não se esquece de Ronaldão, capitão de uma das equipes são-paulinas mais importantes de todos os tempos, levantando a Toyota Cup após uma dramática vitória sobre o

todo-poderoso Milan. Naquele momento, estava assegurado o bicampeonato Mundial Interclubes do time do Morumbi, em 1993.

Ronaldo Rodrigues de Jesus nasceu em São Paulo, cresceu no bairro do Brooklin, zona sul da cidade, mas iniciou carreira no Rio Preto Esporte Clube. Lá, disputou a Segunda Divisão do campeonato estadual. Impressionados com

sua determinação dentro de campo, o técnico Cilinho e o dirigente Juvenal Juvêncio trouxeram o quarto-zagueiro para o São Paulo, no início de 1986. Sua estreia deu-se contra a Ferroviária de Araraquara, num empate sem gols, pelo Paulistão daquele ano. Em 1987, Cilinho deslocou o beque para a lateral-esquerda. "Sempre fui

quarto-zagueiro, mas, por ser canhoto e Cilinho achar que eu tinha o vigor físico necessário para a posição, acabei atendendo ao pedido dele."

Ronaldão garante que esse foi um dos maiores desafios de sua carreira até aquele instante. "Originalmente, não era jogador dessa posição, pois fazia muita marcação. Me orgulho de ter me superado. Depois de um tempo, voltei a jogar como quarto-zagueiro. O Telê, porém, me colocou como volante no Brasileiro de 91." Curiosamente, foi nessa posição que Ronaldo ganhou seu primeiro título pelo São Paulo, formando o meio-de-campo com Bernardo, Raí e Cafu.

A volta dele à quarta-zaga coincide com a impressionante sequência de conquistas da equipe treinada por Telê Santana, que teve como ponto alto o bimundial 92-93 sobre Barcelona e Milan, respectivamente. Ronaldão era o capitão desse esquadrão que encantou a todos. "Sempre fui muito responsável, mas, sem dúvida, a liderança desenvolvi no futebol. Segui bons exemplos, como os de Oscar e Raí. Aliás, na época em que fui capitão, o São Paulo tinha vários líderes que estavam sempre agindo em conjunto."

Ele revela ainda um fato que ajuda a entender o segredo do sucesso daquele plantel. "O Raí, o Zetti, o Leonardo e eu agíamos como se formássemos um 'time' de capitães dentro de campo. Tínhamos uma forte influência sobre os outros jogadores. Não era difícil assumir o papel de capitão daquela equipe, pois todos estavam na mesma sintonia."

FUTEBOL, SELEÇÃO E LIVROS

Apesar de ter tido o nome lembrado em algumas convocações da seleção brasileira no início dos anos 90, o ex-craque admite ter ficado surpreso com sua ida para a Copa do Mundo de 94, nos Estados Unidos. "Fui convocado pela primeira vez em 91, porque estava numa ótima fase e era um pouco esperado que aquilo acontecesse. Em 94, foi realmente uma grande e agradável surpresa."

Naquela altura, Ronaldão, depois de conquistar muitos títulos com a camisa tricolor, já estava no futebol japonês,

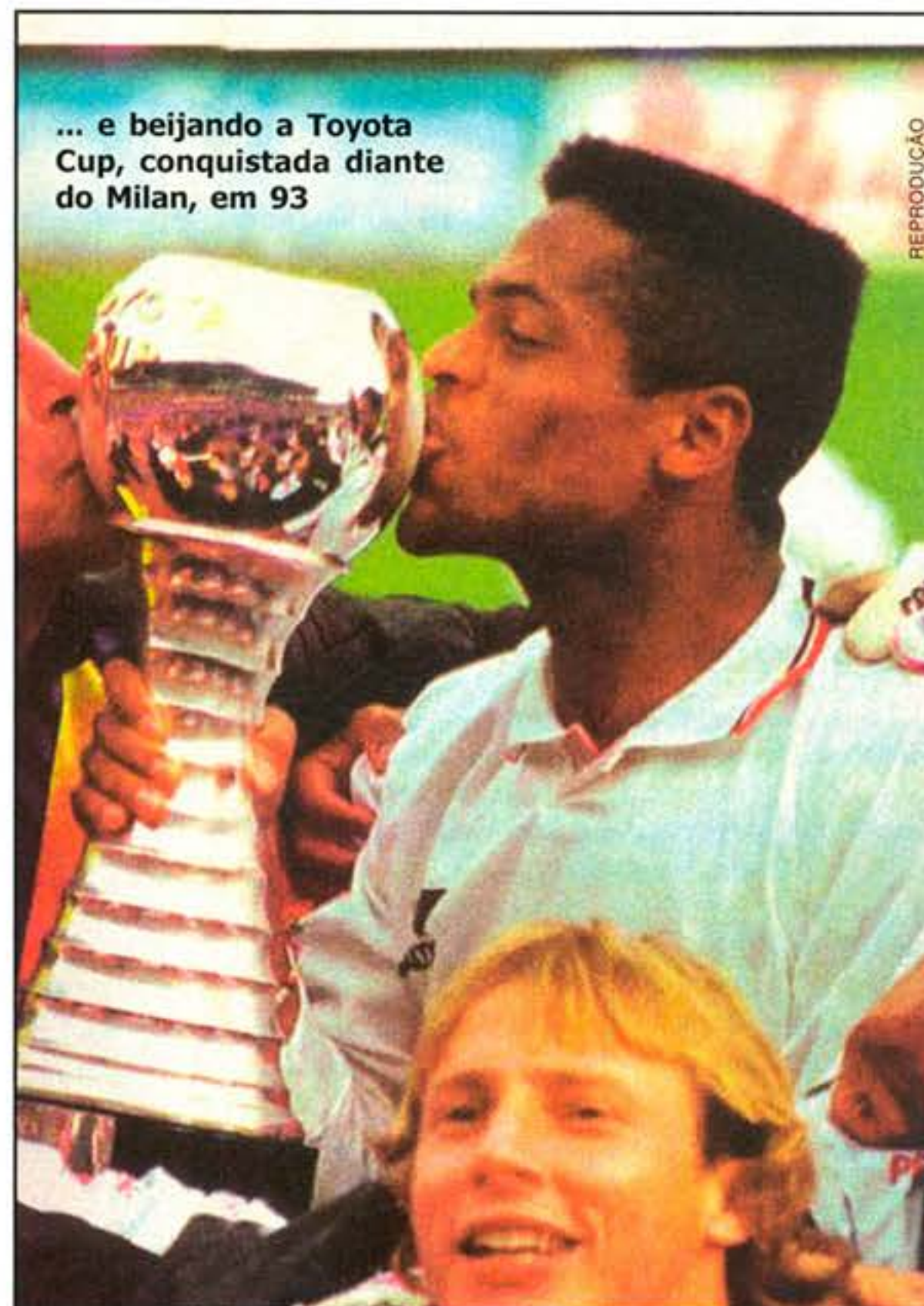
onde atuou por dois anos no Shimizu. Em seguida, o ex-quarto-zagueiro retornou ao Brasil, mais especificamente para o Rio de Janeiro. Lá, defendeu o Flamengo em 96 e sagrou-se campeão carioca no mesmo ano. De volta a São Paulo, teve uma rápida passagem pelo Santos. Na sequência, foi para a Ponte Preta. Encerrou carreira em 2002 no time de Campinas.

Hoje, ocupa o cargo de gerente de futebol do clube campineiro. "Minha função é estabelecer a ponte entre jogadores, comissão técnica e diretoria. Preciso fazer com que tudo corra com harmonia para que o time tenha tranquilidade dentro de campo", explica. Quanto à opção por um cargo administrativo em vez de tentar a carreira de técnico, Ronaldo explica: "Estou concluindo o curso de Administração de Empresas na Unip de Campinas. Atualmente, quero concluir a faculdade e fazer pós-graduação. Pretendo fazer pós em Administração Esportiva na Faculdade Getúlio Vargas".

Garante, porém, ter todos os requisitos para atuar como treinador. "Fiz um curso de especialização em futebol em Portugal e um de Formação de Técnico de Futebol da Unicamp. Cheguei à Faculdade de Educação Física, mas acabei parando na metade." O ex-zagueiro tricolor carrega a fama de devorador de livros. Esse hábito, garante ele, acompanha-o há muito tempo. "Gosto de livros de história, de biografias e de clássicos da literatura. Acredito que a leitura é uma maneira de manter a calma e até mesmo a concentração."

Apesar de morar em Campinas, o capitão do bimundial constantemente viaja para São José do Rio Preto, cidade que o revelou para o futebol e onde possui propriedades rurais. Sobre o filho de 12 anos que acabou de ingressar nas categorias de base do São Paulo atuando como centroavante, Ronaldo comenta que o garoto está bem-amparado. "Ele representa a continuação da família na carreira esportiva. E começou bem, porque o São Paulo, em termos de estrutura, é o melhor clube do Brasil."

"O Raí, o Zetti, o Leonardo e eu agíamos como se formássemos um 'time' de capitães dentro de campo. Tínhamos uma forte influência sobre os outros jogadores"



... e beijando a Toyota Cup, conquistada diante do Milan, em 93

REPRODUÇÃO

Ronaldo Rodrigues

de Jesus - RONALDÃO

Nascimento: 19/06/65

Local: São Paulo (SP)

Altura: 1,87m

Peso: 92 kg

Posição: quarto-zagueiro

Um dos destaques do time no torneio continental deste ano, **DIEGO LUGANO** viu seu prestígio crescer muito desde que chegou. A identificação com a torcida aconteceu graças ao seu jeito sério de jogar com a camisa são-paulina, que faz questão de nunca trocar ao final dos jogos

Amor à camisa

Por Alessandro Gonçalves e Rafael Furugen



No início da década de 90, o São Paulo levantaria o troféu da Copa Libertadores da América pela primeira vez. Naquele time, recheado de craques, destacava-se também a dupla de zaga composta por Ronaldão e Antônio Carlos. No bicampeonato, Válber e Gilmar eram os guardiões à frente da meta de Zetti. Depois daquela fase de muitas conquistas, das quais fazem parte os títulos mundiais, o clube sofreu para encontrar profissionais capacitados que atuassem naquela posição. Durante muito tempo, pairou no ar enorme apreensão. Muitos jogadores foram contratados. Mas nenhum se mostrou apto a envergar a camisa tricolor. A novela estendeu-se. Terminou apenas com a chegada do uruguaio Diego Alfredo Lugano Moreno, em março de 2003.

O reforço foi apelidado de Zagueiro do Presidente, pois, desconhecido num primeiro momento, era uma aposta de Marcelo Portugal Gouvêa. O rótulo, entretanto, foi rapidamente esquecido. As brilhantes atuações de Lugano começaram a ganhar destaque entre exigentes torcedores e imprensa. A partir desse momento, as comparações com Dario Pereyra, coincidentemente uruguaio e defensor, passaram a ser inevitáveis. Mas, com outro estilo, Lugano tratou de construir personalidade própria, muito calcada no vigor, diferentemente do estilo técnico de seu conterrâneo.

O espírito aguerrido trouxe-lhe reconhecimento e carinho. Apesar da força e da raça, o atleta nunca recebeu cartão vermelho. Como forma de reconhecimento, a torcida faz da camisa cinco, a de Lugano, a mais vendida. Depois da conquista da Libertadores, muito se ouviu que alguns clubes estariam interessados em seu futebol. O uruguaio, porém, afirma que pensa apenas em seguir no São Paulo, clube com o qual se identifica.

Você entrou na galeria dos grandes ídolos uruguaios do clube, como Pedro Rocha e Dario Pereyra. De que maneira comemora esse feito?

Desde que cheguei, falava-se muito que o São Paulo se identificava bastante com os uruguaios. Tinha essa responsabilidade de defender o prestígio deles e do meu país. Isso me incentivou muito. É quase impossível chegar ao nível deles, mas acredito ter honrado seus nomes. E, principalmente, essa união que tem, historicamente, a personalidade dos jogadores uruguaios com o jeito do São Paulo. O que é diferenciado de qualquer time do Brasil e da América.

O entrosamento entre você e o Alex foi complicado?

Acredito que o Alex mudou o sistema tático do Autuori, que queria jogar com dois zagueiros. A gente foi muito bem desse jeito. A imprensa fala que o São Paulo não sabe atuar assim. Mas ganhamos muitos jogos. Às vezes, a mídia fala e a gente dá risada. Porque não faz sentido. Não tem fundamento. Acredito que o Alex está tendo um grande rendimento. Ele entrou em um jogo decisivo e mostrou personalidade. Acho que foi ele que trocou o sistema, porque é um atleta que está jogando muita bola.

Dizem que o zagueiro brasileiro não gosta muito do 3-5-2 porque não cai muito pelas pontas. E os uruguaios?

Nenhum zagueiro tem qualidade para isso. Essa função é do lateral, que é mais leve. Nosso forte é atuar na área, antecipando, desarmando, jogando pelo meio, onde se dividem as bolas. No São Paulo, o 3-5-2 surtiu ótimo resultado. Temos três defensores muito bons, dois laterais que desequilibram e dois volantes que passam tranquilidade.

Esse conjunto de caracte-

rísticas individuais foi o segredo do São Paulo?

Sem dúvida. O time tem grandes jogadores em todas as posições. É uma equipe muito equilibrada. Tem experiência aliada à força física. Isso, unido ao profissionalismo e ao trabalho sério, fez o São Paulo vencer a Libertadores.

O que aconteceu na final? O Atlético-PR tirou o pé do acelerador?

No Morumbi, o São Paulo sobrou, fez quatro e poderia ter feito oito gols. Nunca tinha visto uma final assim. Naquela noite, qualquer time que aparecesse na frente não ganharia. Todo mundo jogou muita bola.

Você não gosta muito de trocar camisa. Como foi na final?

Não (risos). Nunca troco. E isso não aconteceria na final da Libertadores. Já fui torcedor. Sou um pouco passional. Não gostava quando os jogadores trocavam a camisa. Isso, a princípio, é um desrespeito. Se o atleta tem um amigo no outro time, manda para a casa dele. Mas não na frente do público. Se perdemos uma partida, não troco camisa de jeito nenhum. Sairei do campo nervoso e envergonhado. Já pensando em trabalhar para assumir o erro que cometi. Temos de ter essa rebeldia. Esse amor próprio.

Isso é literalmente amor à camisa?

Sinto-me muito identificado com o clube. Tenho meu coração aqui pelo que o São Paulo deu a mim e à minha família. Não tem título no mundo que possa retribuir isso. Até nos momentos ruins, todos me trataram muito bem, com respeito. Tenho alegria de trabalhar aqui. Não sei se algum outro jogador, de outro time, tem esse mesmo sentimento.

Mas a torcida ficou preocu-

pada, pois você viajou para Europa a fim de tirar passaporte italiano e ainda parou em Madri, na Espanha.

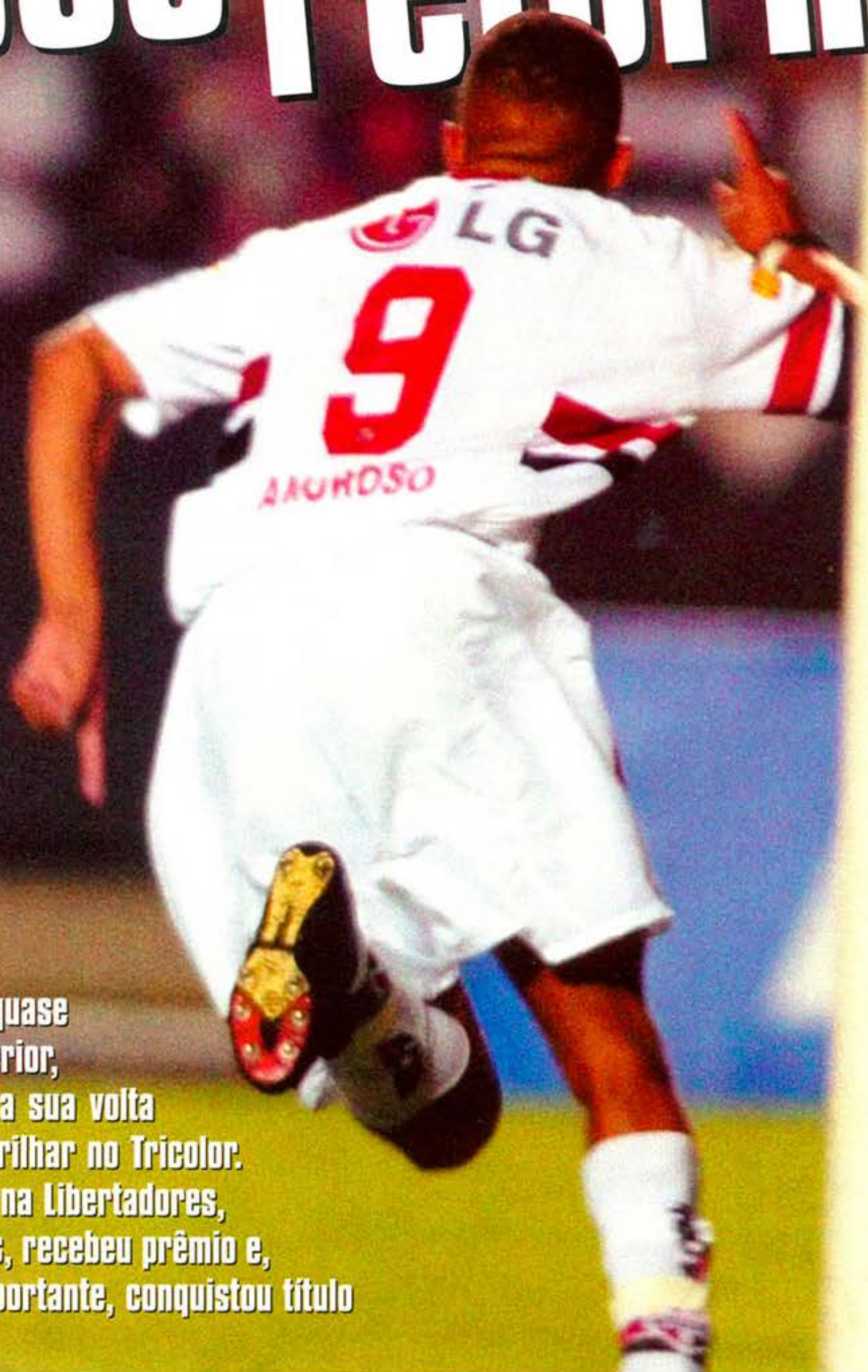
É um trâmite do qual já trato há quatro anos. Tinha de ir para a Itália fazer isso. E é algo que se tem de fazer pessoalmente, não dá para enviar ninguém. Perdi uma segunda-feira de folga. Era o único dia que tinha para ficar lá. Infelizmente, na volta, embora o avião tenha saído na terça de Milão, teve de parar em Madri, porque estava perto. Ficamos um dia e meio parados.

Não existe uma possível transferência no ar?

Não. Até 21 de julho (dia da entrevista), o São Paulo não me transmitiu proposta alguma. Sei que estão especulando muito sobre disso. Sentimos orgulho quando nosso nome é falado dessa maneira. Mas isso se deve apenas à oportunidade que o Tricolor me deu. Se houver alguma proposta, o clube vai me comunicar. Sempre fui muito honesto e direto. Não posso ser hipócrita. Afinal, como profissional e pai de família, eu avaliaria, é claro. Mas sempre esperando uma comunicação oficial do São Paulo. Neste momento, só penso em jogar aqui. Se houver algo, a diretoria me comunica.



Doce retorno



Depois de ficar quase dez anos no exterior, AMOROSO adianta sua volta ao Brasil para brilhar no Tricolor. Em quatro jogos na Libertadores, marcou dois gols, recebeu prêmio e, o que é mais importante, conquistou título

Por Alessandro Gonçalves

"Caiu como uma luva." O dito popular serve muito bem para ilustrar a situação de Amoroso no São Paulo. Com a contusão de Grafite na reta final da Libertadores, o clube viu-se em um dilema. Tinha pouco tempo para contratar um atacante que se encaixasse ao perfil desejado. Entretanto, rapidamente, chegou ao nome do experiente Amoroso, de 31 anos. O atleta, que ficou quase uma década jogando em times do exterior e disputando torneios de repercussão mundial, como a Champions League e a Copa da UEFA, mostrou que o Tricolor acertou em cheio. Dono de uma personalidade marcante em campo, impôs seu estilo logo na primeira partida. Diante do River Plate, da Argentina, deitou e rolou. Faltou apenas o gol, que veio no segundo encontro com os portenhos, ocorrido em Buenos Aires. Nas finais, brilhou mais ainda. Principalmente na decisão que mobilizou São Paulo. Balançou as redes, armou bem e saiu de campo na condição de melhor do jogo. Como prêmio, ganhou o carro oferecido pelo patrocinador da competição, a Toyota. Mas resolveu vender o automóvel e repassar o dinheiro a todos os funcionários do CCT da Barra Funda. "Pelo que fazem por nós, é o pouco que podemos fazer por eles", disse, agradecido.

No ambiente tricolor, Amoroso entrosou-se sem a menor dificuldade. Parece até que sua relação com o clube é mais antiga do que se conhece. Para explicar esse fato, basta mergulhar na carreira do atleta. No São Paulo, reencontrou muitos companheiros de profissão. Curiosamente, havia trabalhado com Milton Cruz no Japão. Júnior, conhecia do Parma. Rogério Ceni, da seleção. O goleiro Roger, do Flamengo. Marco Aurélio Cunha, do Guarani. Aliás, foi no clube de Campinas que construiu, fora dos gramados, sólida amizade com Luizão, com quem formou dupla nos anos 90. "Nossas famílias se conhecem", revela. Por toda essa afinidade e mais as belas apresentações, Amoroso ganhou a credibilidade da torcida em menos de um mês de casa, onde quer ficar até aposentar-se.

No São Paulo, você se sentiu tão em casa que, logo na

primeira partida, jogou muita bola. E, na grande final da Libertadores, foi eleito o melhor em campo. Imaginou que seria tão bom assim?

Eu estava feliz. Até hoje estou. A oportunidade de jogar no São Paulo caiu do céu. Foi um momento em que tudo fluiu para que eu pudesse retornar ao futebol brasileiro. Eu queria ficar, pelo menos, mais dois ou três anos na Europa. E depois, sim, voltar para encerrar carreira. Veio antes, porém. Estou muito feliz aqui. Tenho contrato até dezembro. Vamos ver o que acontece.

Você, então, espera encerrar a carreira aqui?

Minha intenção é permanecer por muitos anos no São Paulo. E poder encerrar por aqui.

Foi possível sentir algum tipo de arrependimento no Luizão, seu parceiro de outros carnavais, no bom sentido, às vésperas de ele deixar o clube?

Conversando, víamos a tristeza dele. Com a chegada do Paulo Autuori, a situação mudou completamente para o Luizão. Ele passou a ser um jogador contente. Feliz. Estava de bem com a vida, os torcedores e o grupo. Ficou triste por deixar o São Paulo. Também pelo clube viver um momento tão importante. Sabia do Mundial no final do ano. Ele não queria ir embora. Isso ficou claro. Pedíamos que ele ficasse. Mas já não havia o que fazer.

Para quem já foi campeão de competições européias, conquistar Libertadores continua sendo um prato saboroso?

É tão bom quanto ganhar uma competição européia, como uma Champions League, que tive a oportunidade de jogar pelo Borussia Dortmund, da Alemanha; ou uma Copa UEFA, que disputei pelo Parma, pela Udinese e pelo próprio Borussia. É muito gostoso vencer Libertadores. É uma competição diferente. De muita agressividade, como se fosse uma Copa do Mundo.

Do ponto de vista cultural, o que aprendeu pelos muitos países por que passou?

Hoje, falo italiano e espanhol fluentemente. O alemão nem tanto. Entendo mais do que me expresso. É mais complicado. Fiquei cinco anos

na Itália. Em três meses, fiz curso para aprender a parte teórica. E, com a convivência, vendo televisão, escutando rádio, passei a falar. O espanhol é mais fácil que o italiano. Que é uma língua muito forte. Tive um pouco de dificuldade quando fui para a Espanha (*onde defendeu o Málaga*). Porque eu misturava espanhol, português e italiano. Depois de conversar com amigos do Brasil e da Itália, voltou tudo ao normal.

Tecnicamente, o futebol brasileiro é o melhor do mundo, mas perde para todos esses países em que você jogou em termos de organização e estrutura. No que mais a gente ganha?

A Europa ensina muito. Primeiro, porque uma equipe que não consegue pagar em dia os salários termina a temporada, mas não consegue se inscrever na competição seguinte. Se fosse assim no Brasil, não haveria famílias de jogadores passando dificuldades. Ou se consegue manter a folha ou não se faz contrato alto. Isso é uma das coisas que eles priorizam lá. Mas, por outro lado, o talento do jogador brasileiro não se encontra em lugar nenhum do mundo. Craque, se faz em casa, na rua. Não em laboratório, como fazem no exterior.

O estrangeiro respeita o jogador brasileiro?

Hoje, sim, porque, de três Copas do Mundo, o Brasil ganhou duas e perdeu uma final. A situação mudou bastante. Quando cheguei ao exterior, passei por uma situação na Udinese que exemplifica isso. Aqui, fui artilheiro do Campeonato e melhor jogador. Lá, entretanto, falaram para mim: "No Brasil, você é o Amoroso. Aqui, ainda não é nada. A Europa é uma coisa; a América, outra". Mas, atualmente, é muito diferente. O Robinho está indo para um time imenso. A mídia é maior. E toda a estrutura envolvida na proteção de um jogador que está saindo de outro país é diferente daquela da época em que eu fui para o Velho Continente. Fui para uma equipe de meio de tabela, que era a Udinese. O último jogador brasileiro que tinha atuado lá era o Zico, em 1984. Isso me fez pensar: "Estou na Europa e vou ter de começar do zero".

Que balanço você faz de sua participação na Libertadores?

Cheguei para comer o filé mignon (*risos*). Meus companheiros roeram o osso até a semifinal. Fiquei triste pela contusão do Grafite. Mas não poderia ser melhor. Em um mês, foram quatro jogos, dois gols e um título. Não tem nem o que falar (*risos*). Além disso, somos a única equipe brasileira tricampeã da Libertadores até o momento. Entramos para a história como o time que conseguiu essa façanha. Agradeço aos meus companheiros, porque me deram a oportunidade de me sentir à vontade; à comissão técnica, que confiou em mim; ao Milton Cruz, que me ajudou; ao professor Paulo (*Autuori*), que está me dando força; e também aos preparadores, que são fundamentais na condição física. Vim para cá sabendo que havia pessoas que confiavam no meu futebol. Me deram a oportunidade, me senti em casa. E falei: 'A única coisa que tenho de fazer é jogar'. Disso, jamais me esquecerei. Não tem jeito (*risos*).

Em breve, você voltará ao Japão, lugar que conhece bem, pois jogou no Verdy. A torcida já está à espera?

Tenho tido sorte lá. Nas ocasiões em que estive no país, sempre tive sucesso. E isso, sem dúvida, pode ser um fator positivo.





LIBERTADORES 2005

1º JOGO

THE STRONGEST 3 X 3 SÃO PAULO

THE STRONGEST - Arias; Gutierrez, Vaca, Coelho e Ricaldi; Tufiño, Escobar e Medina; Cuellar (Paz/Cuadrado), Sosa e Cuba (Fernandez)

Técnico: Luís Galarza

SÃO PAULO - Rogério Ceni; Diego Lugano, Edcarlos e Alex (Flávio/Marco Antonio); Cicinho (Jean), Mineiro, Josué, Danilo e Júnior; Grafite e Luizão • **Técnico:** Emerson Leão

Gols: Danilo aos 21min, Cuba aos 28min e Sosa aos 39min do primeiro tempo; Escobar aos 9min, Luizão aos 12min e Grafite aos 42min do segundo tempo

Cartões amarelos: Gutierrez; Alex, Flávio e Edcarlos • **Data:** 03/03 • **Juiz:** Gustavo Méndez (URU) • **Local:** Estádio Hernando Siles, La Paz, Bolívia

2º JOGO

SÃO PAULO 4 X 2 UNIVERSIDAD DE CHILE

SÃO PAULO - Rogério Ceni; Diego Lugano, Fabão e Edcarlos (Renan); Cicinho, Josué, Mineiro, Danilo (Falcão) e Júnior; Grafite e Luizão (Marco Antonio) • **Técnico:** Emerson Leão

UNIVERSIDAD DE CHILE - Herrera; Santibáñez, Ponce, Lucas e Rojas; Martínez, Ormazábal, Pinto e Riveros (Olea); Gioino e Rivarola (Canio) • **Técnico:** Héctor Pinto

Gols: Lugano aos 2min, Gioino aos 6min, Rogério Ceni aos 20min, Gioino aos 38min e Cicinho aos 47min do primeiro tempo; Grafite aos 19min do segundo tempo • **Cartão amarelo:** Josué • **Data:** 09/03 • **Juiz:** Jorge Larrionda (URU) • **Local:** Cícero Pompeu de Toledo, Estádio do Morumbi, São Paulo (SP)



LUIZÃO (11)
Maior goleador brasileiro na história do torneio continental

3º JOGO

QUILMES 2 X 2 SÃO PAULO

QUILMES - Pontiroli; Vivas, Alayes, Desábato e Arano; Diego Torres (Trullet), Pérez (Benítez), Matías Almeyda e Miguel Caneo; Pablo Sánchez (Rueda) e Aldo Osório • **Técnico:** Gustavo Alfaro

SÃO PAULO - Rogério Ceni; Cicinho, Fabão, Diego Lugano e Júnior; Alê (Daniel Rossi), Renan, Mineiro e Danilo; Diego Tardelli (Edcarlos) e Grafite • **Técnico:** Emerson Leão

Gols: Osório aos 12min do primeiro tempo; Diego Tardelli aos 3min, Grafite aos 23min e Caneo aos 31min do segundo tempo • **Cartões amarelos:** Desábato, Almeyda e Sánchez; Lugano e Alê • **Data:** 16/03 • **Juiz:** Oscar Ruiz (COL) • **Local:** Estádio Centenario, Buenos Aires (ARG)

4º JOGO

SÃO PAULO 3 X 1 QUILMES

SÃO PAULO - Rogério Ceni; Fabão, Edcarlos e Diego Lugano; Cicinho, Mineiro, Josué, Danilo (Renan) e Júnior; Grafite e Diego Tardelli (Luizão) • **Técnico:** Emerson Leão

QUILMES - Pontiroli; Nelson Vivas, Alayes, Desábato e Raúl Saavedra; Caneo, Matías Almeyda (Benítez), Andrés Pérez e Arano; Luis Rueda (González) e Aldo Osorio (Sanchez) • **Técnico:** Gustavo Alfaro

Gols: Diego Tardelli aos 31min do primeiro tempo; Diego Tardelli aos 9min, Rueda aos 10min e Cicinho aos 36min do segundo tempo • **Cartões amarelos:** Danilo, Josué, Cicinho e Fabão; González, Saavedra e Vivas • **Cartões vermelhos:** Grafite; Arano • **Data:** 13/04 • **Juiz:** Martín Vazquez (URU) • **Local:** Cícero Pompeu de Toledo, Estádio do Morumbi, São Paulo (SP)

5º JOGO

UNIVERSIDAD DE CHILE 1 X 1 SÃO PAULO

UNIVERSIDAD DE CHILE - Herrera; Santibáñez (Canio), Ponce, Adrián Rojas e José Rojas; Pinto, Ormazábal, Iturra e Riveros; Gioino e Rivarola (Suazo) • **Técnico:** Héctor Pinto

SÃO PAULO - Rogério Ceni; Fabão, Diego Lugano e Edcarlos; Cicinho, Mineiro, Josué, Danilo e Júnior; Diego Tardelli (Renan) e Luizão • **Técnico:** Milton Cruz

Gols: Luizão aos 27min do primeiro tempo; Gioino aos 2min do segundo tempo • **Cartões amarelos:** Ormazábal e Canio • **Data:** 21/04 • **Juiz:** Carlos Amarilla (PAR) • **Local:** Estádio Nacional, Santiago (CHI)

6º JOGO

SÃO PAULO 3 X 0 THE STRONGEST

SÃO PAULO - Rogério Ceni; Fabão, Diego Lugano e Edcarlos (Diego Tardelli); Cicinho, Mineiro, Josué, Danilo (Marco Antonio) e Júnior; Grafite e Luizão (Souza) • **Técnico:** Paulo Autuori

THE STRONGEST - Arias; Gutierrez (Flores), Vaca, Cuadrado e Ricaldi; Rocabado (Cardozo), Tufiño, Coelho e Medina; Cuellar (Paz) e Escobar • **Técnico:** Eduardo Villegas

Gols: Edcarlos aos 35min e Luizão aos 38min do primeiro tempo; Grafite aos 7min do segundo tempo • **Data:** 11/05 • **Juiz:** Horacio Elizondo (ARG) • **Local:** Cícero Pompeu de Toledo, Estádio do Morumbi, São Paulo (SP)

7º JOGO

PALMEIRAS 0 X 1 SÃO PAULO

PALMEIRAS - Marcos; Gabriel, Gláuber (Alceu) e Daniel; Bruno, Corrêa, Marcinho Guerreiro (Osmar), Juninho e Lúcio; Marcinho e Washington
Técnico: Paulo Bonamigo

SÃO PAULO - Rogério Ceni; Cícinho, Fabão, Diego Lugano e Júnior; Renan, Mineiro, Josué e Danilo; Grafite (Diego Tardelli) e Luizão (Edcarlos)
Técnico: Paulo Autuori

Gol: Cícinho aos 14min do segundo tempo • **Cartões amarelos:** Gláuber e Osmar; Cícinho e Luizão • **Data:** 18/05 • **Juiz:** Sálvio Spínola Fagundes Filho (BRA) • **Local:** Parque Antártica

8º JOGO

SÃO PAULO 2 X 0 PALMEIRAS

SÃO PAULO - Rogério Ceni; Cícinho, Fabão, Diego Lugano e Júnior; Renan, Mineiro (Edcarlos), Josué e Danilo; Grafite (Diego Tardelli) e Luizão (Alê) • **Técnico:** Paulo Autuori

PALMEIRAS - Marcos; Nen, Daniel e Gabriel (Cristian); Corrêa (Ricardinho), Alceu, Magrão, Juninho Paulista e Lúcio; Marcinho e Washington (Osmar) • **Técnico:** Paulo Bonamigo

Gols: Rogério Ceni aos 36min e Cícinho aos 48min do segundo tempo
Cartões amarelos: Luizão, Grafite e Rogério Ceni; Gabriel, Magrão, Nen, Corrêa e Cristian • **Cartão vermelho:** Josué • **Data:** 25/05
Juiz: Sálvio Spínola Fagundes Filho (BRA) • **Local:** Cícero Pompeu de Toledo, Estádio do Morumbi, São Paulo (SP)

9º JOGO

SÃO PAULO 4 X 0 TIGRES

SÃO PAULO - Rogério Ceni; Cícinho, Alex, Fabão e Júnior; Mineiro, Renan, Souza (Marco Antonio) e Danilo; Grafite (Diego Tardelli) e Luizão (Roger) • **Técnico:** Paulo Autuori

TIGRES - Campagnuolo; Da Silva, Balderas e Luis Alvarez; Saavedra, Sancho, Claudio Husaín (Silvera), Irênio, Gaitán (Peralta) e Morales; De Nigris (Ruiz) • **Técnico:** Leonardo Alvarez

Gols: Rogério Ceni aos 30min e Luizão aos 39min do primeiro tempo; Rogério Ceni aos 12min e Souza aos 15min do segundo tempo • **Cartões amarelos:** Renan, Fabão, Souza e Luizão; Sancho, Alvarez, Morales, Irênio e De Nigris • **Cartão vermelho:** Da Silva • **Data:** 01/06 • **Juiz:** Daniel Gimenez (ARG) • **Local:** Cícero Pompeu de Toledo, Estádio do Morumbi, São Paulo (SP)

10º JOGO

TIGRES 2 X 1 SÃO PAULO

TIGRES - Campagnuolo; Mario Ruiz, Luis Alvarez, Balderas e Morales; Sancho, Irênio (Peralta), Gaitán e Saavedra; Cabañas (Nuñez) e Aldo De Nigris (Silveira) • **Técnico:** Leonardo Alvarez

SÃO PAULO - Rogério Ceni; Fabão, Diego Lugano e Alex; Michel (Souza), Renan, Mineiro, Josué e Júnior; Danilo e Luizão (Roger) • **Técnico:** Paulo Autuori

Gols: Silveira aos 16min e aos 29min e Souza aos 43min do segundo tempo • **Cartões amarelos:** Sancho; Lugano • **Data:** 15/06 • **Juiz:** Héctor Baldassi (ARG) • **Local:** Estádio Universitario, Monterrey (MEX)

11º JOGO

SÃO PAULO 2 X 0 RIVER PLATE

SÃO PAULO - Rogério Ceni; Fabão, Diego Lugano e Alex; Mineiro, Renan (Souza), Josué, Danilo e Júnior; Luizão e Amoroso (Alê)
Técnico: Paulo Autuori

RIVER PLATE - Costanzo; Diogo, Ameli, Tuzzio e Domínguez; Lucho González (Almada), Mascherano, Zapata (Mareque) e Gallardo; Marcelo Salas (Gastón Fernández) e Fariás • **Técnico:** Leonardo Astrada

Gols: Danilo aos 31min, Rogério Ceni aos 44min do segundo tempo
Cartões amarelos: Luizão, Lugano e Fabão; Costanzo e Zapata
Data: 22/06 • **Juiz:** Gustavo Mendez (URU) • **Local:** Cícero Pompeu de Toledo, Estádio do Morumbi, São Paulo (SP)

12º JOGO

RIVER PLATE 2 X 3 SÃO PAULO

RIVER PLATE - Costanzo; Diogo, Ameli, Tuzzio e Dominguez (Montenegro); Lucho González (Fernández), Mascherano, Zapata (Sambueza) e Gallardo; Marcelo Salas e Fariás • **Técnico:** Leonardo Astrada

SÃO PAULO - Rogério Ceni; Fabão, Alex e Diego Lugano; Souza, Mineiro, Josué (Renan), Danilo e Júnior; Luizão (Alê) e Amoroso • **Técnico:** Paulo Autuori

Gols: Danilo aos 11min, Fariás aos 35min do primeiro tempo; Amoroso aos 14min, Fabão aos 35min e Salas aos 39min do segundo tempo • **Cartões amarelos:** Mascherano e Lucho González; Fabão, Luizão, Rogério Ceni e Júnior • **Data:** 29/06 • **Juiz:** Rubén Selman (CHI) • **Local:** Estádio Monumental de Nuñez, Buenos Aires (ARG)

13º JOGO

ATLÉTICO-PR 1 X 1 SÃO PAULO

ATLÉTICO-PR - Diego; Jancarlos (André Rocha), Danilo e Durval; Marcão, Cocito, Alan Bahia, Fabrício e Fernandinho (Evandro); Lima e Aloísio • **Técnico:** Antônio Lopes

SÃO PAULO - Rogério Ceni; Fabão, Alex e Diego Lugano; Mineiro, Josué, Júnior, Cícinho e Danilo; Luizão e Amoroso • **Técnico:** Paulo Autuori

Gols: Aloísio aos 14 minutos de primeiro tempo; Durval (contra) aos seis minutos do segundo tempo; • **Cartões amarelos:** Jancarlos e Marcão; Fabão, Lugano e Luizão • **Data:** 06/07 • **Juiz:** Jorge Larionda (URU) • **Local:** Beira-Rio, Porto Alegre (RS)

14º JOGO

SÃO PAULO 4 X 0 ATLÉTICO-PR

SÃO PAULO - Rogério Ceni; Fabão, Diego Lugano e Alex; Cícinho, Mineiro, Josué, Danilo e Júnior (Fábio Santos); Amoroso (Diego Tardelli) e Luizão (Souza) • **Técnico:** Paulo Autuori

ATLÉTICO-PR - Diego; Jancarlos, Danilo, Durval e Marcão (Rodrigo); Cocito, André Rocha (Alan Bahia), Fabrício e Evandro; Lima (Fernandinho) e Aloísio • **Técnico:** Antônio Lopes

Gols: Amoroso aos 16min do primeiro tempo; Fabão aos 7min, Luizão aos 25min e Diego Tardelli aos 44min do segundo tempo • **Cartões amarelo:** Lugano, Danilo e Fabão; Evandro, Cocito e André Rocha
Data: 14/07 • **Juiz:** Horacio Elizondo (ARG) • **Local:** Cícero Pompeu de Toledo, Estádio do Morumbi, São Paulo (SP)





O São Paulo e a Libertadores

A Taça "Libertadores da América" é hoje a coqueluche das competições do continente americano, do mesmo modo que a Copa dos Campeões da Europa o é para os europeus. E esse interesse começou depois das vitórias do São Paulo em 1992 e 1993, em memoráveis finais contra Newell's Old Boys e Universidad Católica, respectivamente. O São Paulo é o único clube brasileiro a participar de cinco finais, sendo três consecutivas 74/ 92/93/94 e 05.

Até então, os times nacionais não tinham maior interesse em participar dessa competição, não apenas por razões financeiras, mas principalmente pela catimba, violência e arbitragens duvidosas que ocorriam durante a disputa, fato corriqueiro até o advento da televisão.

Hoje é notório o interesse de todos os clubes em participar dessa disputa, que representa motivo de orgulho para os seus torcedores.

A Libertadores da América é como aquela garota cobiçada, charmosa e sedutora com a qual todos os pretendentes gostariam de ficar, mas só alguns poucos conseguem se aproximar dela. É uma garota experiente, maliciosa, que gosta de ser conduzida por quem entende as suas manhas.

Vez ou outra, por questão de educação, distribui olhares furtivos ou sorrisos velados para alguns admiradores. Para a grande maioria, no entanto, não dá sequer um aperto de mão.

Àqueles mais audaciosos que querem ostentar *status* com muito dinheiro ou conversa macia, costuma responder com ironia e certo desprezo: "Eu te conheço?".

Mas ela tem um antigo namorado "brasileño" de quem não consegue se esquecer. Por ser de origem espanhola, costuma chamá-lo de "San Pablo". O seu relacionamento começou no ano de 1974.

Depois de uma passagem maravilhosa por São Paulo, foram para Buenos Aires e não se deram muito bem. Resolveram então conhecer Santiago do Chile.

Ali, quase ao final do passeio, um passo errado aquele pênalti perdido

por José Carlos Serrão. Ela acabou ficando com um portinho forte, rico e "Independiente".

Algum tempo depois, eles se encontraram novamente em São Paulo e surgiu um sentimento profundo e arrebatador. Isso foi em 1992, um encontro inesquecível.

Depois da grande festa que realizaram em São Paulo, partiram para Tóquio em lua-de-mel, onde foram recebidos e aclamados com honrarias e muitas flores.

Gostaram tanto daquele passeio, que, no ano seguinte, estavam lá de novo. E, para a alegria da família e de todos os brasileiros, tiveram novamente uma recepção de gala.

Parecia que aquele amor, aquele relacionamento ardoroso, cheio de carinhos, não teria fim.

Mas veio o rompimento em 1994, por um erro cometido nos instantes finais da cerimônia de posse. Nem gosto de me lembrar do pênalti defendido por Chilavert.

Ela saiu dançando um tango com um jovem argentino, a quem chamava de Vélez. Ficou longe do seu namorado "brasilenho" durante dez longos anos.

Em 2004, andaram se vendo de passagem, em Once Caldas, na Colômbia, mas não tiveram muito tempo para conversar. O avião dele partia em um minuto. Aquele era o minuto final. Esse reencontro, rápido, entretanto, talvez tenha despertado neles aquele carinho antigo.

Agora, neste ano de 2005, depois de vários contatos em diversas etapas, ela, a garota cobiçada, desembarca no Brasil, com flores e banda de música. Desfila toda a sua elegância sobre o lindo tapete do Morumbi, recebida que

foi com todas as honras que se oferecem às grandes celebridades.

Foi uma festa maravilhosa, ao som da Sinfonia número 4 de Beethoven, sob a batuta de Paulo Autuori, com arranjos dos maestros Leão e Cuca, e o excelente trabalho da comissão organizadora. Nossas homenagens a todos.

Tem gente comemorando até agora o glorioso e cobiçado título de **TRICAMPEÃO DA TAÇA LIBERTADORES DA AMÉRICA!**



REVISTA OFICIAL DO SÃO PAULO Nº 128
AGOSTO DE 2005

DIGITALIZAÇÃO: GIANCARLO ZAPELLONI
TRATAMENTO DE IMAGENS, EDIÇÃO E MONTAGEM: MICHAEL SERRA

ARQUIVO HISTÓRICO DO SÃO PAULO FC
2020



ONDE A MOEDA CAI DE PÉ